

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Janeiro - 2020
Ano LXX - Nº 11
R\$ 6,00



Exemplar encaviado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00

João Cabral de Melo Neto

No centenário do poeta pernambucano, especialistas discutem o legado do autor de 'Morte e Vida Severina'

GIRA mundo



NA PARAÍBA, O ESTUDO TE LEVA MAIS LONGE.



O programa Gira Mundo modalidade estagiante, visa proporcionar aos alunos imersões na segunda série do ensino médio, no sentido de oportunizar o desenvolvimento linguístico e a interação com novas culturas e métodos de ensino, que, ao regressarem, tornar-se-ão multiplicadores do Programa Gira Mundo em suas regiões e desenvolver ações voltadas ao aprimoramento da educação no estado da Paraíba. Busca-se com o referido projeto, motivar os alunos e professores da rede pública estadual de educação na busca de melhor formação e desempenho na escola.

Os destinos do Gira-mundo



2016

90 estudantes - Canadá
8 professores - Canadá
20 professores - Finlândia

2017

50 estudantes - Canadá
25 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
55 Professores - Finlândia

Próximo destino:

100 estudantes - Canadá
50 estudantes - Espanha
25 estudantes - Portugal
25 estudantes - Argentina
80 professores - Finlândia
20 professores - Israel



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Um ano de centenários

Até o final de 2020, vamos lembrar de muita gente que, se viva, estaria fazendo cem anos neste ano. Por essa efeméride, vamos começar e terminar o ano celebrando a literatura: João Cabral de Melo Neto em 9 de janeiro e Clarice Lispector, em 10 de dezembro. Entre um e outro, nomes como o do cineasta Federico Fellini (20/1) e do escritor José Mauro de Vasconcelos (23/2), autor de *Meu Pé de Laranja Lima*.

Somente em julho, serão três celebrações: Elizeth Cardoso (16), Celso Furtado (20) e Amália Rodrigues (23).

Decidimos abrir o ano dos centenários com poesia, uma poesia nossa, nordestina, que é bastante cara também à Paraíba. João Cabral de Melo Neto, de 'Morte e vida severina', entre tantos outros clássicos, influenciou poetas de todo Brasil, inclusive da terra de Augusto dos Anjos.

Pessoalmente, encontrou

**Decidimos
abrir o ano
dos centenários
com poesia,
uma poesia
nossa,
nordestina,
que é bastante
cara também à
Paraíba**

paraibanos dos mais diversos, da cantora Cátia de França (que narrou esse encontro para o **Correio das Artes** na edição de dezembro) e Sérgio de Castro Pinto, que nos brinda, nesta edição, com um relato a respeito do poeta

dotado dos "dez mil dedos da linguagem".

Para além da celebração à poesia de João Cabral, a edição que você tem em mãos passeia pela obra de Francisco Brennand, outro mestre pernambucano, este da cerâmica vitrificada no Brasil, que nos deixou em dezembro de 2019.

E às vésperas do Oscar, a professora Genilda Azerêdo nos brinda com uma análise profunda da abordagem social do filme sul-coreano, texto que é complementado com uma seleção, deste editor, do que a Coréia do Sul tem nos oferecido de melhor na sétima arte.

Tudo isso e um tanto mais de crônicas, contos, resenhas e os nossos valiosos colonistas, um material para nutrir seu conhecimento, estimular sua criatividade e compartilhar sabedoria.

O Editor
andrecananea2@gmail.com

índice



REPORTAGEM

Morto em dezembro do ano passado, Francisco Brennand tem seu legado avaliado por dois dos mais notáveis ceramistas da Paraíba.



CINEMA

Professora analisa o filme 'Parasita', indicado a seis prêmios no Oscar 2020; veja também um guia para ficar por dentro do cinema sul-coreano.



RESENHA

Discreto, o poeta José Antonio Gonçalves tem seu livro, 'Cavernas, Arenitos e Poemas', esmuiçado pelo escritor Gledson Sousa.



ARTES VISUAIS

Na nossa última página, conheça o guerreiro Berserker, criação que marca nova fase na carreira do ilustrador paraibano Mike Deodato.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

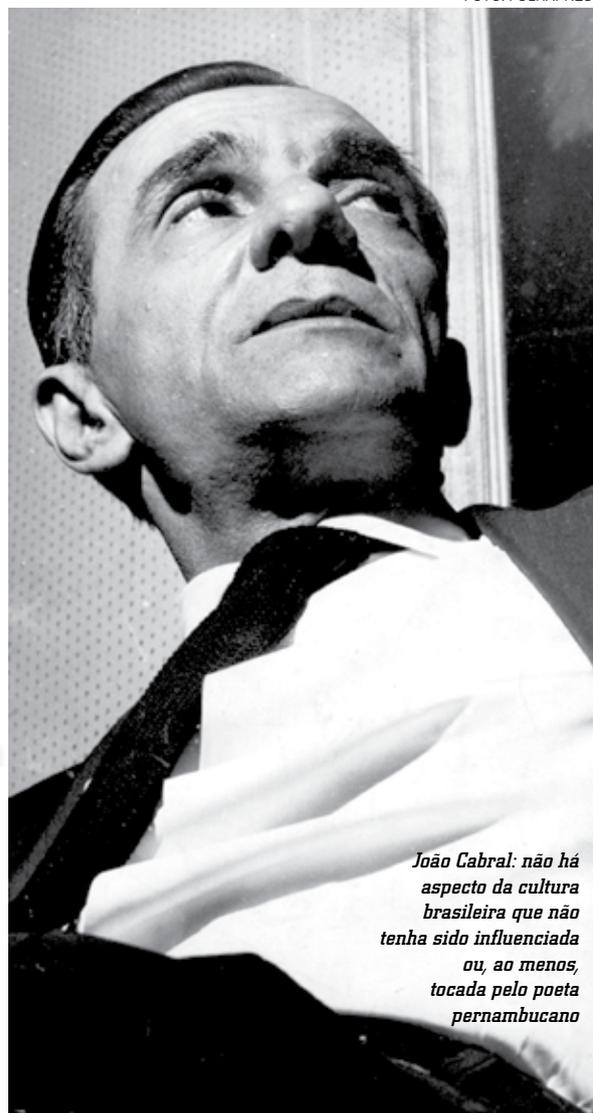
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Phelipe Caldas
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

André Cananéa
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO

Para além do mito, O LEGADO POÉTICO DE Cabral



João Cabral: não há aspecto da cultura brasileira que não tenha sido influenciada ou, ao menos, tocada pelo poeta pernambucano

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

O dia 9 de janeiro de 2020 marcou o centenário de nascimento de um dos maiores poetas de língua portuguesa. João Cabral de Melo Neto nasceu nesta data, em 1920, e ao morrer, em outubro de 1999, deixou um legado que influenciou diversas gerações de poetas e gerou, também, epígonos. Quando morreu, especulava-se que era um forte candidato ao Prêmio Nobel de Literatura. Não chegou a ganhar este prêmio, mas inscreveu seu nome definitivamente na literatura mundial. Em depoimentos ao Correio das Artes, poetas paraibanos falam sobre esse legado e sobre a influência de Cabral em suas poéticas.

Um dos poetas radicados na Paraíba que mais assume a influência cabralina em sua poética é Amador Ribeiro Neto, autor de livros como *Barrocidade* e *Poemail*. Para Amador, a importância de João Cabral para a poesia e para a cultura brasileiras é tão imensurável que torna-se indiscutível.

“Praticamente não há aspecto de nossa

cultura brasileira, pós-Cabral, que não tenha sido influenciada ou, ao menos, tocada por ele. Da música popular ao cinema, das artes plásticas ao teatro. E por aí afora. Ele trouxe a cultura popular para a poesia (e para a dramaturgia) com um requinte e uma simplicidade que até hoje ressoa como novidade e encanto singulares”, comenta.

“Cabral é um tão importante”, exalta Amador, “que se, hipoteticamente, a ONU decretasse que o Brasil teria de eleger apenas dois poetas dentro de sua história geral da poesia, da colônia até a atualidade, um deles, sem dúvida alguma, seria João Cabral”.

“Para a minha poesia, desde meu livro de estreia, *Barrocidade* (2003), João Cabral está presente como linha de influência e como poeta que homenageio. Depois em *Imagens & Poemas* (a quatro mãos com Roberto Coura, 2008) ele reaparece no geometrismo das imagens, do projeto gráfico do “livrobjeto” e nos poemas selecionados. Mais tarde, em *Ahô-ô-ô-ô-oxe* (2015), João Cabral é a grande figura norteadora dos experimentalismos dos poemas visuais-concisos e nordestinos. Por fim, no ano passado lancei *Poemail* ▶

► (2019), livro tripartite cujas epígrafes de cada parte são todas de Cabral e que abre-se com um poema dedicado ao poeta de “Morte e vida severina”- revela.

Uma das mais gratas memórias acadêmicas de Amador foi um curso da pós-graduação na USP que assistiu com o professor, amigo e grande estudioso e especialista na obra de João Cabral de Melo Neto, João Alexandre Barbosa. “Ainda parece ouvir a voz de João Alexandre lendo Cabral e sua dicção singular iluminava o poema enquanto o lia e a poesia de João Cabral ressurgia interpretada e aberta como um cristal. Era um presente à altura da poesia cabralina. Sou um leitor e releitor contínuo de Cabral. Pode me faltar tudo na vida: amor, feijão e pão. Só não quero que me falte, a danada da poesia do João”, brinca.

Lau Siqueira, outro poeta radicado na Paraíba, reforça a fala de Amador. Para Lau, as comemorações do centenário de nascimento de João Cabral de Melo Neto devem representar muito mais uma celebração do futuro que do passado da poesia brasileira. “Talvez esse seja o seu maior legado, a sua marca, entende. A poesia brasileira é antes e depois dele. Toda a sua obra ainda precisa ser muito lida e muito estudada. Sozinho, ele é uma escola de poesia. Uma marca da poesia brasileira no mundo”, defende.

“Acho que poesia João Cabral de Melo Neto influenciou e influencia a minha geração e vai continuar influenciando gerações inteiras, porque João Cabral deve ser lido indefinidamente. Ou seja: cem anos e é apenas o começo”, teoriza, acrescentando que “Tecendo a manhã” é seu poema preferido de Cabral.

Expedito Ferraz Jr. é outro poeta que se revela discípulo de Cabral que é, para ele, um dos poetas que exerceram maior influência direta sobre as gerações que os su-

‘MORTE E VIDA SEVERINA’ (TRECHO)

— O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas, e iguais também porque o sangue que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado da cinza.

cederam. “Prova disso é que entre nós, leitores, poetas e críticos, existe um certo consenso em torno de um conceito ‘cabralino’ de poesia, associado ao rigor formal, ao racionalismo, à recusa da poesia como instrumento de confissão sentimental ou de autocontemplação narcísica”, completa.

“Cabral vacinou gerações de poetas contra tais excessos, nos ensinando a perceber o poema como lugar de um olhar específico para fora, para o mundo – uma espécie de fenomenologia. João Cabral nos legou aquele mesmo saber que ele atribui ao toureiro Manoel Rodríguez, personagem de um de seus poemas: o saber “...domar a explosão / com mão serena e contida / sem deixar que se derrame / a flor que traz escondida...” (‘Alguns toureiros’). É um poeta singular, dos maiores da Língua Portuguesa”, destaca.

Já o poeta Bruno Gaudêncio observa que todo poeta não é apenas sua poesia, mas também sua mitologia. “Cabral é um exemplo disso. Criou-se uma áurea densa em relação a sua vida e poesia. De um sujeito sério, insensível, racional, antilírico, mas isso são apenas algumas formas de interpretar sua poesia e sua trajetória. O exemplo foi a biografia do José Castello, *O Homem Sem Alma*. Um poeta não cabe em jargões ou clichês”, enfatiza.

De maneira geral, avalia Bruno, Cabral é uma figura que construiu uma poesia amparada na linguagem, com uma preocupação estética refinada, fruto de experiências de deslocamentos espaciais e temporais. Para um leitor exigente de poesia, Cabral é único na literatura brasileira. “Um cânone inconfundível”, frisa.

“Sobre seu impacto na minha vida, confesso que no início dos anos 2000, como tomei conhecimento de sua poesia, me trouxe uma recepção não muito positiva. Prefe-

ri de primeira um Drummund. Um Ferreira Gullar. Mas, nesta mesma época, também não me sensibilizou uma Cecília Meirelles, por exemplo. Só mais recentemente consegui vencer a força negativa da primeira leitura. E isso só deveu-se a uma leitura mais densa da poesia e da tradição modernista não só brasileira, mas europeia e estadunidense. Percebi que o Cabral era tão grande como Mallarmé, um Pound, um Valery... que sua poesia, tão ligada a suas raízes pernambucanas, estava em mim o tempo todo. Sua poesia edifica”, reconhece.

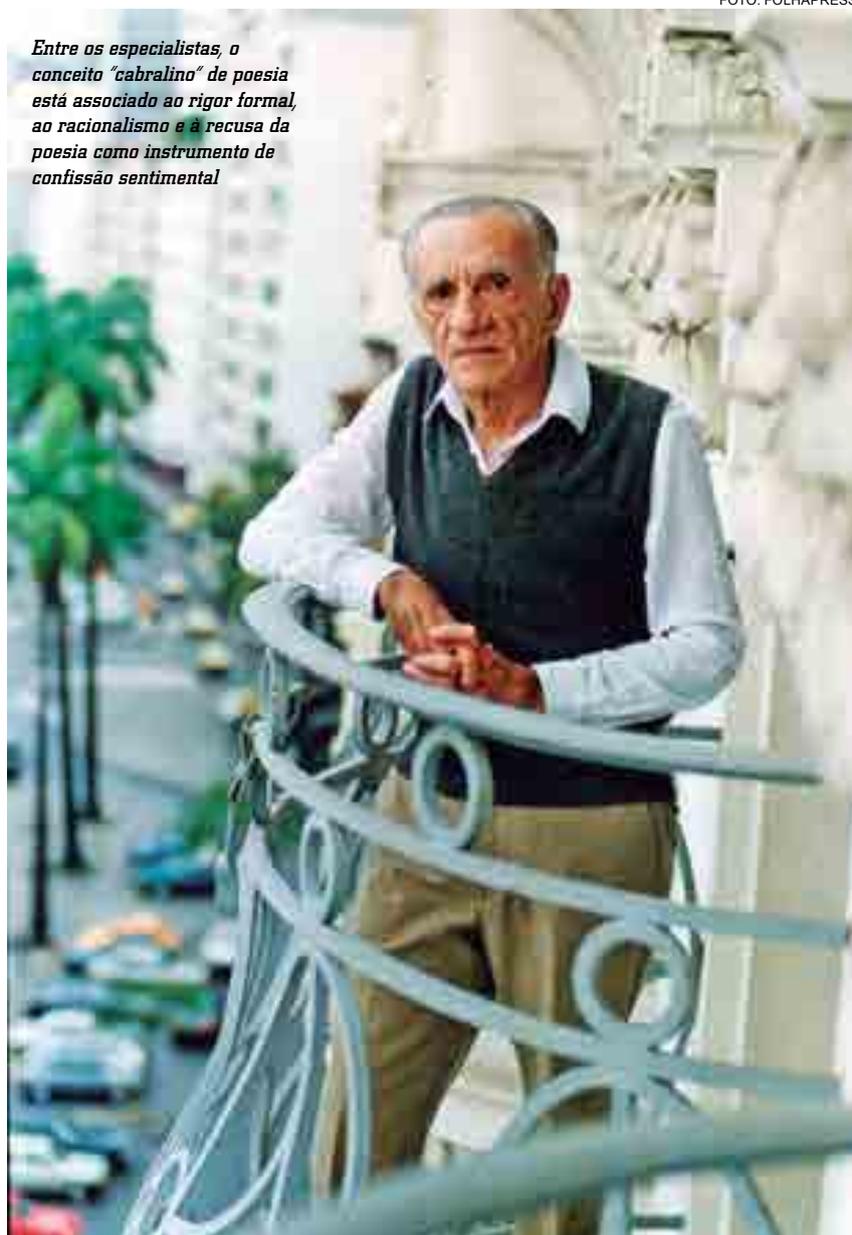
SOBRE CABRAL

João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife, a 9 de janeiro de 1920 e morreu no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1999. Foi poeta e diplomata. Sua obra poética, que vai, segundo alguns críticos, de uma tendência surrealista até a poesia popular, é caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes. É considerado o maior poeta de língua portuguesa por escritores como Mía Couto.

Foi agraciado com vários prêmios literários, entre eles o Prêmio Neustadt, tido como o “Nobel Americano”, sendo o único brasileiro galardoado com tal distinção, e o Prêmio Camões.

Irmão do historiador Evaldo Cabral de Mello e primo do poeta Manuel Bandeira e do sociólogo Gilberto Freyre, João Cabral foi amigo do pintor Joan Miró e do poeta Joan Brossa. Foi casado com Stella Maria Barbosa de Oliveira, com quem teve os filhos Rodrigo, Inez, Luiz, Isabel e João. Casou-se em segundas núpcias, em 1986, com a poetisa Marly de Oliveira.

O escritor foi membro da Academia Pernambucana de Letras (embora não tenha comparecido a nenhuma reunião como acadêmico, nem mesmo a sua posse) e da Academia Brasileira de Letras.



Entre os especialistas, o conceito “cabralino” de poesia está associado ao rigor formal, ao racionalismo e à recusa da poesia como instrumento de confissão sentimental

A PALAVRA SEDA

A atmosfera que te envolve atinge tais atmosferas que transforma muitas coisas que te concernem, ou cercam.

E como as coisas, palavras impossíveis de poema: exemplo, a palavra ouro, e até este poema, seda.

É certo que tua pessoa não faz dormir, mas desperta; nem é sedante, palavra derivada da de seda.

E é certo que a superfície de tua pessoa externa, de tua pele e de tudo isso que em ti se tateia,

nada tem da superfície luxuosa, falsa, acadêmica, de uma superfície quando se diz que ela é “como seda”.

Mas em ti, em algum ponto, talvez fora de ti mesma, talvez mesmo no ambiente que retesas quando chegas,

há algo de muscular, de animal, carnal, pantera, de felino, da substância felina, ou sua maneira,

de animal, de animalmente, de cru, de cruel, de crueza, que sob a palavra gasta persiste na coisa seda.

(*Quaderna*, 1956-1959)

UMA FACA SÓ LÂMINA

(ou: serventia das idéias fixas)

Assim como uma bala enterrada no corpo, fazendo mais espesso um dos lados do morto;

assim como uma bala do chumbo mais pesado, no músculo de um homem pesando-o mais de um lado;

qual bala que tivesse um vivo mecanismo, bala que possuísse um coração ativo

igual ao de um relógio submerso em algum corpo, ao de um relógio vivo e também revoltoso,

relógio que tivesse o gume de uma faca e toda a impiedade de lâmina azulada;

assim como uma faca que sem bolso ou bainha se transformasse em parte de vossa anatomia;

qual uma faca íntima ou faca de uso interno, habitando num corpo como o próprio esqueleto

de um homem que o tivesse, e sempre, doloroso de homem que se ferisse contra seus próprios ossos.

A

Seja bala, relógio, ou a lâmina colérica, é contudo uma ausência que esse homem leva.

Mas o que não está nele está como bala: tem o ferro do chumbo, mesma fibra compacta.

Isso que não está nele é como um relógio pulsando em sua gaiola, sem fadiga, sem ócios.

Isso que não está nele está como a ciosa presença de uma faca, de qualquer faca nova.

Por isso é que o melhor dos símbolos usados é a lâmina cruel (melhor se de Pasmado):

porque nenhum indica essa ausência tão ávida como a imagem da faca que só tivesse lâmina,

nenhum melhor indica aquela ausência sófrega que a imagem de uma faca reduzido à sua boca;

que a imagem de uma faca entregue inteiramente à fome pelas coisas que nas facas se sente.

(Uma faca só lâmina / ou: serventia das idéias fixas/, 1955)



Sérgio de Castro Pinto (E) e João Cabral (D), e uma dedicatória do poeta pernambucano ao paraibano: embora revolucionário na poesia, jamais abdicou de sua linhagem ilustre

Lembranças

Sérgio de Castro Pinto

Especial para o *Correio das Artes*

Conheci a poesia de João Cabral de Melo Neto, através de Marcus Vinícius de Andrade, espécie de Mário de Andrade do Grupo Sanhauá, assim como um outro Marcus - de sobrenome Tavares - encarnava à perfeição o espírito polêmico e irônico de Oswald de Andrade.

Àquela época, só havia chegado a Drummond, Vinícius de Moraes e Cecília Meireles, esta última com uma dicção tão musical, tão harmoniosa, que mais parecia uma mão a balançar o berço do adolescente quase menino que eu ainda era em inícios dos anos 1960.

Foi justamente naquele período que à poesia musical de Cecília Meireles se opôs a antilira de Cabral. E se opôs como uma pedra cuja difícil configuração estivesse a exigir um longo aprendizado. Tanto que, para apreendê-la melhor, removia-a para dentro dos meus poemas. Mas se principiava aí uma árdua "educação pela pedra", fazia-o sem amargar a "angústia da influência" de que fala o crítico norte-americano Harold Bloom. E tinha pelo menos um motivo para tanto: se o primeiro João Cabral não se mostrou imune às influências, por que haveria eu de sê-lo, contando menos de dezoito anos de idade? Estava em boa companhia, como de resto todos os da minha geração, pois quase ninguém conseguira escapar incólume à personalidade marcante do poeta pernambucano.

Conheci-o pessoalmente em meados da década de 1960, no apartamento do Prof. Tarcísio Burity, onde o entrevistamos - eu, Jomar Souto e Luiz Augusto Crispim - a respeito de sua poesia. Na oportunidade, surpreenderam-me as suas declarações a propósito de "Morte e vida Severina", segundo ele um poema frustrado, já que não conseguira

- ▶ fazer acessível ao grande público a saga do retirante nordestino.

Quanto às suas entrevistas, repetia-as praticamente à exaustão, retomando sempre os mesmos temas, as mesmas palavras, como o Graciliano Ramos do poema de título homônimo, de sua autoria: “Falo somente com o que falo:/ com as mesmas vinte palavras/ girando ao redor do sol/ que as limpa do que não é faca”.

Com efeito, nas muitas entrevistas que li dele, excetuando-se uma ou outra “boutade”, quase nada acrescentou à que nos concedeu no apartamento do Professor Burity.

Mais tarde, em 1972, tive um novo encontro com João Cabral de Melo Neto. Desta feita, na Associação Comercial de Campina Grande, onde eu fora proferir, a convite da dramaturga Maria de Lourdes Ramalho, uma palestra sobre a literatura latino-americana. Ouviu-me com atenção e, ao final da palestra, pediu-me o texto. À tarde, antes de ser submetido a uma verdadeira saraivada de perguntas por alunos da universidade e do segundo grau, devolveu-me, qualificando-o de “denso”. Como não poderia deixar de ser, tal palavra soou-me como um elogio. E não só isso: dita por Cabral, pronunciada por Cabral, passou a adquirir mil e uma conotações. Pena que jamais tenha se manifestado a respeito dos livros que lhe enviei. Quando muito, remetia os seus, sempre com a mesma dedicatória: “Para Sérgio de Castro Pinto, homenagem de João Cabral de Melo Neto”. Mas, o que fazer? Era uma das idiossincrasias do homem João Cabral, cuja natureza mostrava-se antípoda à de Mário de Andrade, este um missivista compulsivo, que respondia a gregos e troianos, aos poetas federais, estaduais e municipais.

O último encontro que tive com ele ocorreu no Centro de Convenções Rebouças, São Paulo, em inícios dos anos 1980. Acompanhava-o a mulher, poeta Marly de Oliveira, em cujas mãos - segundo noticiou a mídia sempre ávida por espetáculos - teria recolhido as suas para, numa atitude quase genuflexa de arrependimento pelo seu agnosticismo, receber a “indesejada das gentes”.

João Cabral de Melo Neto, embora revolucionário na poesia, jamais abdicou de sua linhagem ilustre. Daí não perder a oportunidade de, quase sempre, mencionar o seu grau de parentesco com Gilberto Freyre e com Manuel Bandeira, aos quais sempre chamou de primos. Em contrapartida, parecia não reconhecer os muitos poetas de ontem e de hoje que mantêm estreitíssimos laços de parentesco com a sua poesia.

Na verdade, quando o questionavam a propósito de sua influência sobre os jovens poetas, saía pela tangente. A condição de embaixador fornecia-lhe o pretexto necessário para se omitir sobre o assunto: Vivia longe do Brasil, não tinha acesso aos livros aqui publicados, etc. E num misto de recato e de astúcia, silenciava sobre a nova geração de poetas brasileiros. Inclusive, quando Jomar Moraes Souto, ainda por ocasião da entrevista no apartamento do Prof. Tarcísio Burity, disse que com “A Bolandeira” desejava render um tributo à dicção cabralina, o poeta pernambucano fingiu não encontrar semelhanças entre o texto do paraibano e sua obra. O mesmo disse dos meus poemas de “A Ilha na ostra”. Ao seu modo, quem sabe, talvez quisesse nos alertar sobre os muitos poetas que já haviam se extraviado nos caminhos que só ele conhecia como a palma da mão e com os “dez mil dedos da linguagem”.

João Cabral de Melo Neto jamais incensou os jovens poetas. E pelo que eu sei, tampouco escreveu prefácio louvaminheiro sobre o livro de quem quer que seja. Aliás, vai ver que nunca escreveu sequer um prefácio, no que se distancia - e muito! - do velho Cassiano Ricardo, cuja prodigalidade em elogiar efusivamente quem estreava em livro sempre me pareceu um artifício do qual se valia para, de algum modo, permanecer lembrado pelos mais novos. E nem precisava disso quem, autor de “Jeremias sem-chorar”, marcara profundamente toda uma geração de poetas e de leitores,

No dia 9 de janeiro, completaria cem anos de idade o cidadão e poeta João Cabral de Melo Neto, severo e vero severino da “geometria civil” e da geometria da palavra. ✖

Sérgio de Castro Pinto nasceu em João Pessoa (1947), onde reside. É poeta, jornalista e professor de literatura brasileira da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É, ainda, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFPB. Além de *Longe, daqui, aqui mesmo: a poética de Mário Quintana* e *A casa e seus arredores* (ensaios), publicou vários livros de poesia, entre eles, *Gestos lúcidos* (1967), *A ilha na ostra* (1970), *Domicílio em trânsito e outros poemas* (1983), *O cerco da memória* (1993) e *Zôo imaginário* (2005).

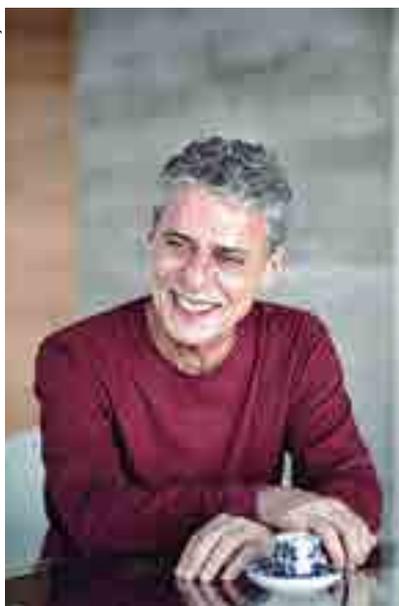
A voz do dono e o dono da voz



A obra de Chico Buarque, em seu conjunto (literatura, música, dramaturgia), apresenta uma polifonia bastante interessante, por meio da qual somos levados a reconhecer vozes femininas e masculinas inseridas em contextos sociais complexos quanto às suas diversidades e desigualdades.

O feminino, por exemplo, é destaque na obra do cancionista carioca. Destaque reconhecido pela crítica especializada e por trabalhos acadêmicos, conforme podemos observar nas diversas teses de doutorado e dissertações de mestrado voltadas para a análise-interpretação desses eu-líricos que evocam suas vozes de dor e de sofrimento, mas também de superação, de força, de independência, enfim, de empoderamento, podendo ser vistas, inclusive, como representatividades da mulher na nossa sociedade.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Noutras palavras, em seu projeto mais especificamente musical, Chico lança mão de vozes femininas, o que lhe rende um lugar de destaque na história da música brasileira, ao trazer, para a cena central de suas canções, figuras do feminino. São tantas as canções conhecidas pelo público de

um modo geral, que basta lembrarmos daquelas vozes assumidas pelos nomes de Maria, Carolina, Ana, Bárbara, Cecília, Helena, Lily, Lia, Bia, Beatriz, Rita, Januária, Joana (a francesa), Sílvia, Luísa, Madalena, Angélica, bem como daquelas canções que não se apresentam por meio de nomes próprios, mas que tematizam questões eminentemente femininas, a exemplo de “O meu guri”, “Atrás da porta”, “Olhos nos olhos”, dentre outras.

Já na sua produção literária, Chico tem se voltado à voz masculina. A configuração de tipos sociais decadentes, representativamente do universo masculino, parece estar na base do projeto literário de Chico Buarque, tendo em vista que todos os seus romances têm como protagonistas homens, maduros e/ou velhos em processo de declínio, seja existencial, econômico, profissional.

Estorvo (1991) é protagonizado por um tipo (social e psicológico) que, inominado e alheio a sua própria situação de vida um tanto conturbada, articula em primeira pessoa, de forma quase simultânea, nos planos real e imaginário, temas atuais como o da fragmentação social. *Benjamim* (1995) conta, em terceira pessoa, a história de Benjamim Zambraia, um modelo fotográfico de sucesso na juventude, mas que se encontra no ostracismo, principalmente por causa da idade avançada. Seu tempo de vida é contabilizado pelo dinheiro que tem no banco. No meta-romance *Budapeste* (2003), o personagem-narrador é José Costa, um *ghost-writer* que se propõe a narrar fatos de sua vida perturbada. Em *Leite Derramado* (2009), Eulálio é o protagonista e também narrador de sua própria história. É um velho supostamente afetado pelo Alzheimer que, num leito de hospital, supõe estabelecer interlocução com demais personagens por meio de um monólogo que conta a história de sua vida desde seus ancestrais até a velhice. *O Irmão Alemão* (2014) é protagonizado por um autor-narrador, Francisco de Hollander, ou Cic-

¹ Título de uma canção de Chico Buarque (foto), gravada em 1981, no álbum ‘Almanaque’, em que o eu-lírico se apresenta numa relação erótica-afetiva com sua voz, para reivindicar a sua propriedade e a sua vontade, conforme os versos iniciais (“Até quem sabe a voz do dono / gostava do dono da voz / casal igual a nós / de entrega e de abandono / de guerra e paz / contras e prós”) e finais (“E disse: Minha voz, se vós não sereis minha / Vós não sereis de mais ninguém”)

cio, que, em meio à sua juventude marcada pela ditadura militar, toma conhecimento da existência de um irmão alemão, por quem busca incessantemente.

Todos são protagonistas homens, maduros, supostamente de classe média. Com exceção de *Benjamim*, esses protagonistas são seus próprios narradores, ou seja, donos de vozes que contam suas próprias histórias caracterizadas, ora pela fragmentação, ora pela decadência, ora pelas angústias existenciais, ora pela crise de criação artística e, por isso, apresentam-se como “heróis problemáticos” que, num entendimento lukacsiano, constituem aqueles sujeitos em relação intrínseca e mútua com um mundo contingente e cujo destino é individual.

Em suma, são protagonistas que surgem de chãos-históricos bastante complexos e, por isso, apresentam-se, tanto pela própria fabulação quanto pelas reflexões, como heróis problemáticos e/ou anti-heróis. Tal complexidade se revela, no interior das tramas, como um lugar de fala que reflete questões sobre masculinidade; uma masculinidade marcada por fragilidades, desencantos, declínios, contrapondo-se, em alguma medida, às vozes femininas da obra musical do artista.

Em seu mais recente romance, Chico Buarque recorre a essa voz masculina mais uma vez e, assim, confirma esse aspecto de um projeto literário mais amplo que vem desenvolvendo. Como o próprio título já anuncia, *Essa Gente* (Companhia das Letras, 2019) é sobre um determinado povo, no espaço e tempo urgente do aqui e agora. É sobre o povo brasileiro, mais especificamente residente na cidade do Rio de Janeiro, apresentado com um tipo de humor ácido, que provoca mais reflexão do que riso.

A forma fragmentada do livro, um tanto labiríntica, diz muito do seu protagonista: Duarte, um escritor em decadência. Acumulando uma história de sucesso, com o best-seller *O Eunuco do Paço Real*, Duarte vive, no tempo narrado no romance, uma crise de criação ar-

tística que compartilha com uma das ex-mulheres, Maria Clara, que também é sua tradutora, revisora e mãe de seu único filho. Embora prestes a ser despejado por falta do pagamento de aluguel, o declínio econômico não impede Duarte de morar em um apartamento no Leblon, um dos bairros mais caros do Rio. Transita com muita naturalidade entre o Leblon e o morro do Vidigal, devido ao seu envolvimento com moradores desta comunidade. Mantém relação extemporânea com sua segunda ex-mulher, Rosane, casada com um velho rico. Seu filho com Maria Clara é um adolescente vítima de *bullying* na escola por ser “filho de comunistas”.

Ao passo que o romance vai mesclando passagens narrativas, relatos de sonhos do protagonista-narrador-escritor, cartas trocadas entre os personagens e fragmentos de narrativas que se supõem partes do romance que Duarte está construindo, vai-se revelando uma galeria de personagens, cujas ações, por vezes um tanto idiotizadas, representam um *modus vivendi* de um contexto político-social que marca os últimos anos da sociedade brasileira.

Não por acaso, os capítulos são introduzidos por datas que, excetuando uma ou outra de 2016 e 2017, envolvem o período que vai de novembro de 2018 a setembro de 2019. A apresentação de temas como homofobia, misoginia, terraplanismo, comércio de armas em oposição ao de livros, protestos pelo país, sentimento monárquico, comunismo, racismo, camisa da seleção brasileira etc. se dá de forma que o leitor, a par de um certo léxico destacado nesse período representado no romance, reconhece um teor satírico provindo da voz desse narrador-protagonista.

A forma labiríntica dada à narração resguarda a apresentação desse universo lexical ao campo da sugestão. Ou seja, o fato de não se dar pela revelação direta afeta, sobremaneira, a recepção leitora, de forma que o leitor que viveceu o fatídico ano de 2019 certamente identificará, no uso desse

vocabulário, a representação do contexto em questão. No entanto, a falta de vivência com tal contexto não prejudica a interpretação da obra, haja vista que se trata de ficção e é como tal que deve ser lida.

É, portanto, sobre o aspecto primordial da ficcionalidade na obra de Chico que se observa um dado importante para reflexão: a categoria do narrador, como reinvidicação de uma questão discutida na teoria e na crítica literárias e que se refere ao “retorno do autor”.

Na orelha do livro, Sérgio Rodrigues abre espaço para essa discussão quando afirma que “buscar alusões autobiográficas nestas páginas conduz o leitor a um beco sem saída. Na melhor das hipóteses, lhe dá a posse de uma chave que pode abrir uma ou outra porta, mas não todas”.

Em concordância com o que se declara nessa citação, tenhamos uma dessas portas como acesso para uma breve reflexão sobre a relação entre ficção e realidade em *Essa Gente*, observando que verificar a presença do autor na obra não significa dizer que estamos conferindo ao narrador aspectos que são próprios da vida pessoal do autor. O contrário, também, não se faz absoluto, ou seja, ter o narrador como figura meramente inventada e que, em nada, se aproxima do seu autor.

Assim sendo, a relação entre autor e narrador pode ser analisada em seu caráter dialético, no seguinte sentido: observando como especulativa a procura de traços do autor no narrador, que pode até não contribuir para a interpretação da obra, mas que instiga o entendimento do fenômeno do “retorno do autor”, como uma discussão mais ampla no campo das teorias. Discussão essa que envolve questões relativas às categorizações de biografia, autobiografia, “escritas de si”, por exemplo, uma vez que se observa uma relevância da figura do autor, no sentido de corroborar com a possibilidade de acessar uma realidade social pela ficção.

Essa conjugação autor-narrador desempenha uma função muito



- ▶ importante, podendo interessar não apenas ao campo literário, mas também a outras áreas do conhecimento como a antropologia, a filosofia, a história, os estudos culturais.

Retomar a discussão implementada por José Saramago sobre a relação autor-narrador na edição de número 17 da revista *Cult* (1998) auxilia nessa reflexão pois, ao tratar da figura do narrador, o autor português diz o seguinte: “O romance é uma máscara que esconde e, ao mesmo tempo, revela os traços do romancista. [...] o autor está no livro todo, mesmo quando o livro não consiga ser todo o autor. [...] O que o autor vai narrando nos seus livros é, tão-somente, a sua história pessoal. Não o relato da sua vida, não a sua biografia, quantas vezes anódina, quantas vezes desinteressante, mas uma outra, a secreta, a profunda, a labiríntica, aquela que com seu próprio nome dificilmente ousaria ou saberia contar. Talvez porque o que há de grande em cada ser humano seja demasiado grande para caber nas palavras com que ele a si mesmo se define e nas sucessivas figuras de si mesmo que povoam um passado que não é apenas seu, e por isso lhe escapará sempre que tentar isolá-lo e isolá-lo nele. Talvez, também, porque aquilo em que somos mesquinhos e pequenos é a tal ponto comum que nada de novo poderia ensinar a esse outro ser pequeno e grande que é o leitor”.



‘Essa Gente’: mais recente romance de Chico Buarque se situa entre 2018 e 2019 e aborda temas como terraplanismo, comércio de armas em oposição ao de livros e protestos pelo país

Ao privilegiar a voz masculina em seus romances, Chico Buarque pode estar oferecendo uma chave de leitura interessante para uma reflexão mais ampla sobre o que vem significando, para a literatura, esse “retorno do autor”, essa possibilidade de o autor estar “no livro todo, mesmo quando o livro não consiga ser todo o autor”, conforme afirma Saramago. Em *Essa Gente*, esse tipo de leitura é possível não apenas pelos fatos narrados, pelas falas e sentimentos dos personagens, pelos tempo e espaço narrativos representados

no romance, mas, e sobretudo, pela figura do narrador que aqui assume uma voz narrativa em primeira pessoa, justamente como um aspecto formal que se traduz em conteúdo.

É a perspectiva narrativa dessa primeira pessoa, apresentando um personagem em seu processo de decadência, que predomina no romance. E isso representa um ponto crucial de análise-interpretação, afinal se a narração se dá por uma voz masculina, de um escritor em período de declínio profissional, pessoal e econômico, o que se passa no romance terá o peso e a medida dessa voz, o juízo a partir desse olhar, da mesma forma que tem a figura feminina nas canções de Chico.

Noutras palavras, a voz de Duarte é, e não é, a voz do próprio Chico Buarque. Esse caráter ambivalente exige do leitor um certo traquejo ao transitar pela obra desse artista, pois, em alguma medida, veremos nela o que nos é muito familiar. Ainda assim, é preciso que não caiamos na tentação de observar na ficção, apenas, um retrato da realidade, mesmo que vejamos bastante possível que aconteça de as gerações futuras encontrarem, nos romances de agora, material rico para a compreensão de um período histórico conturbado e de dolorosa dificuldade de compreensão.

Enquanto essas gerações não chegam, deleitemo-nos com a obra deste que, com certeza, é um artista brasileiro imenso. Vencedor do Camões em 2019, um dos mais importantes prêmios de literatura em língua portuguesa, Chico Buarque se destaca como autoridade nos assuntos que traz para o cerne de sua obra, por meio de uma polifonia que parece constituir uma das bases do seu projeto artístico. Ao conceder a palavra às diversas vozes (a feminina na música e a masculina na literatura) Chico se mantém dono de vozes que muito falam por nós: a sua gente, a nossa gente, essa gente. ✦

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

O legado de Francisco Brennand,

O PAI DA CERÂMICA VITRIFICADA NO BRASIL

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

A arte, em qualquer que seja a sua vertente, tem como necessária a resistência para se manter viva com uma resposta à sociedade em relação ao momento em que estiver inserida. Em 2020, o cinema, a literatura e o teatro, por exemplo, encontram-se em um momento delicado de afirmação como forma de sobrevivência. Dentro desse contexto político-histórico, as artes perderam um nome tão grandioso quanto as suas obras: o artista plástico Francisco Brennand faleceu no último dia 19 dezembro, aos 92 anos, em Recife (PE).

O pernambucano deixa um legado imensurável de pinturas e esculturas, estas principalmente em cerâmica vitrificada, processo de quando o material é esmaltado e queimado em altas temperaturas (em torno de 1200 °C), resultando em peças com acabamentos singulares e em dimensões totêmicas, intimidando o tempo com sua firmeza e força. Brennand foi uma referência em relação a essa vertente. Suas obras em cerâmica totêmica vitrificada passeiam entre temas sagrados e eróticos e podem ser visitadas no Parque das Esculturas, no Marco Zero, e na Oficina Cerâmica Francisco Brennand (onde funcionava a fábrica de cerâmica da família), na Várzea - ambos localizados na capital pernambucana.

Para uma conversa acerca do artista pioneiro na cerâmica vitrificada no Brasil, visitei os ateliês de dois paraibanos que também são referências nessa vertente da arte: Chico Ferreira e Miguel dos Santos.

Ao chegar no ateliê do artista plástico Miguel dos Santos, ainda próximo ao portão, uma das primeiras coisas que ele me revelou foi sobre uma mensagem de texto que havia acabado de escrever destinada à Maria Gorette, com quem Francisco Brennand viveu por mais de 20 anos. O texto dizia "a morte não existe: por isso é triste".

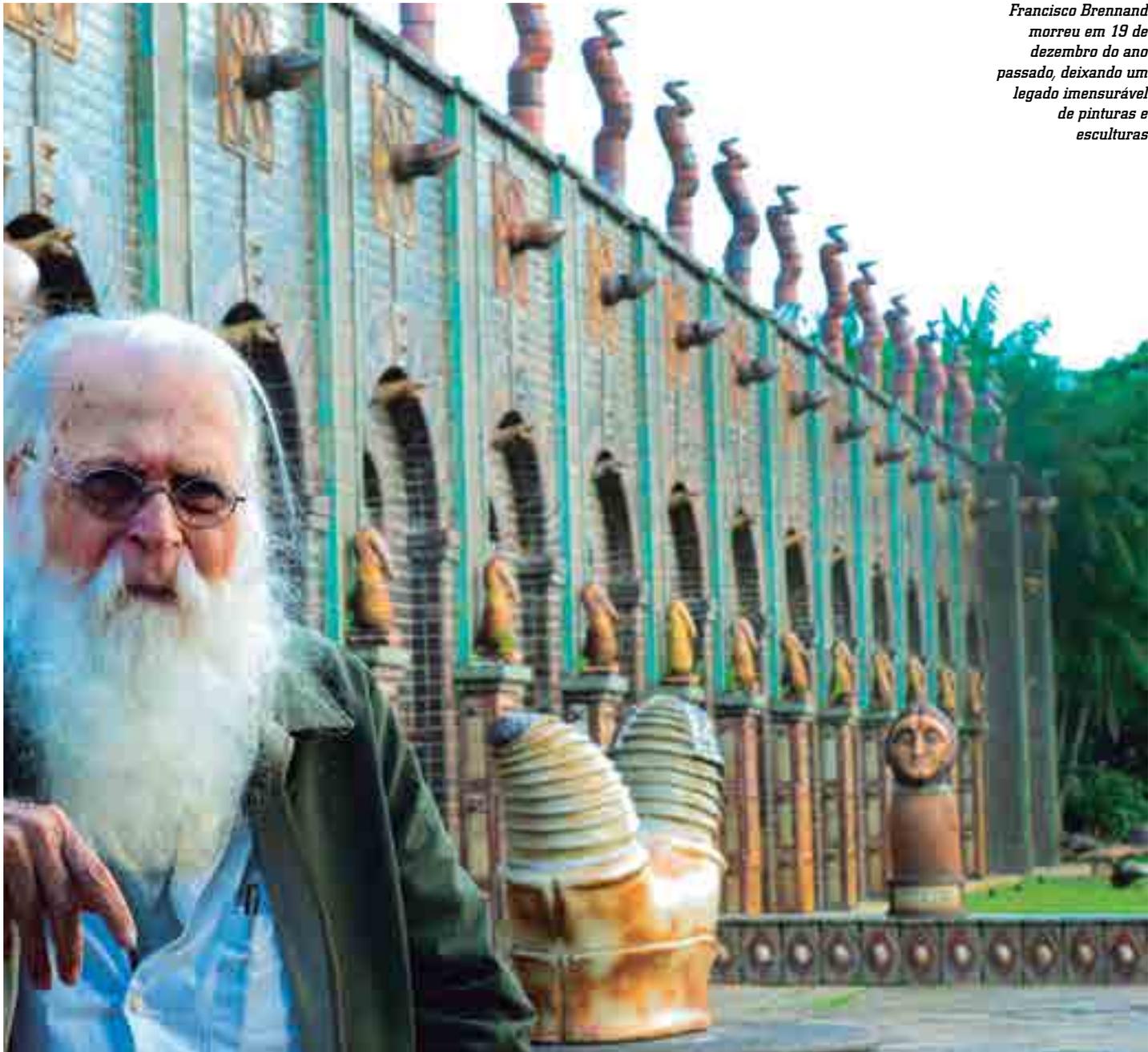
Amigo da família desde os anos 1970, Miguel frequentou a casa de Ricardo Brennand (pai de Francis-

FOTO: TERESA MAIA/FOLHAPRESS



As obras em cerâmica totêmica vitrificada de Francisco Brennand passeiam entre temas sagrados e eróticos e podem ser visitadas no Parque das Esculturas e na Oficina Cerâmica Francisco Brennand.

Francisco Brennand morreu em 19 de dezembro do ano passado, deixando um legado imensurável de pinturas e esculturas



co), o “velho Ricardo”, e cultivou uma relação de amizade movida pelos ciúmes de Francisco que, apesar dessa relação conturbada em relação à amizade do pai e Miguel, sentia admiração pelo trabalho do ceramista, e este sentimento, por sua vez, era recíproco.

Em uma das inúmeras conversas entre os dois que, segundo Miguel, se referiam sempre às artes e às técnicas de produzir arte, Francisco Brennand teria dito: “Nós somos penetras no ofício (tribal e feminino) das ceramistas”, vista, portanto, como uma forma primitiva de produzir. O barro seria a matéria prima

dos dois artistas e, segundo Miguel, “material com o qual você sente uma intimidade maior por ser da origem da terra onde você pisa, a terra que lhe gerou”.

“É como desenhar no chão. Nenhum outro material te dá liberdade maior do que desenhar no chão. Inclusive, o próprio Francisco confessava que a liberdade que ele sentia no papel, ele não sentia na tela. Por ser um produto já consagrado, um suporte para a pintura, existe um compromisso histórico de criar uma obra”, lembra Miguel.

Para o paraibano, Francisco Brennand é, seguido de Gaudí, o artista mais importante do mun-

do. “Já manifestei isso várias vezes”, ressalta. “Os intelectuais, ou qualquer outra pessoa que souber de outro, me avise, porque eu não conheço”.

Miguel passou a frequentar a casa dos Brennand ainda na década de 1960. Em 1969, fez sua primeira exposição no Rio de Janeiro, viagem que já lhe mostraria a resistência com a qual teria de lidar: “Viajei de semileito da (companhia de ônibus) Itapemirim apenas com a passagem de ida. Ou seja, se não vendesse, não retornava para casa”.

Ao chegar em Recife, de volta, visitou o Engenho São Francisco onde, coincidentemente, estava ▶

o velho Ricardo, que se tornou, nas palavras de Miguel, seu grande amigo. Naquela ocasião, aconteceu um fato importante na vida do artista paraibano, revelado da seguinte maneira: “Eu peguei uma cerâmica pequeninha e uma caixinha de slides. O oleiro foi chamar Francisco e, quando ele veio, apressou os passos, não me deu nem um bom dia, apenas pegou a peça das minhas mãos e saiu. Quando ele voltou, meio trêmulo com a peça na mão, olhou para mim e disse: -Eu estou em frente ao maior ceramista do Brasil. E eu respondi: -Eu também. A relação era assim, de uma imensa admiração mútua”.

“Ele viu coisas que eu até desconfiava, mas não tinha certeza, como a semelhança entre minha pintura e a de Piero Della Francesca que, a olho nu, não são nada parecidos, mas ele sentiu, de alguma forma, na estrutura das pinturas. Essa é a marca de um grande artista”, afirmou o paraibano, que esqueceu uma caixinha com seus slides no Engenho.

Miguel dos Santos prossegue: “Após essa visita, eu retornei ao Rio de Janeiro para outra exposição e visualizei a capa de uma revista, com uma Eva que eu havia vendido para Paris. Logo, eu pensei: O que essa obra está fazendo aqui, se eu não dei o consentimento?. Quando reparei, era um artigo de João Câmara com o título: ‘Francisco Brennand: a Lúcida Aventura’. Era um plágio de uma obra minha. Mas eu fiquei muito feliz, porque nunca entendi aquilo como plágio e, sim, como uma homenagem”, revela.

Miguel segue a história contando sobre o afeto entre ele e Ricardo Brennand, o pai. “Ele se afeiçoou pelo meu trabalho de uma forma tal que, às vésperas de completar 80 anos, me ligou no fim da tarde perguntando: -Meu filho, se você fosse completar 80 anos amanhã, o que você faria? e eu respondi que gostaria de passar ao lado de quem eu amo. Ele retrucou: -Pois não diga mais nada. Nos meus 80 anos, eu gostaria de passar com você. Isso



Miguel dos Santos é próximo da família Brennand desde os anos 1970: amizade movida pelos ciúmes de Francisco e pela admiração mútua

com a família toda preparando uma festa para ele, mataram um boi e tudo, mas ele veio passar um dia comigo. O assunto do encontro? Francisco.

A relação entre Miguel e Francisco sempre foi, como descreve

o paraibano, “uma relação de muito respeito e admiração”. “Várias vezes eu fui ao Recife comprar material e ficava uma tarde inteira, cerca de duas a três horas, admirando um painel dele antes de retornar para casa”.

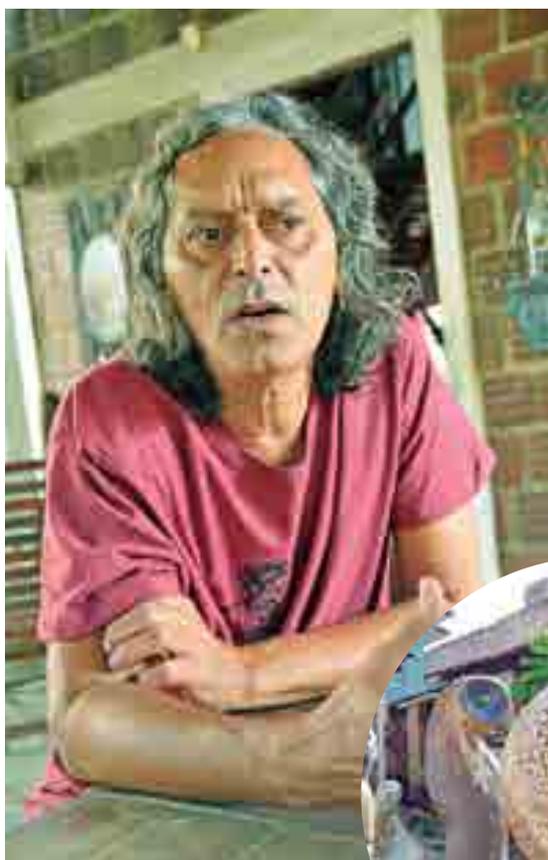
“A CRÍTICA TINHA O OLHO ATRAVESSADO POR BRENNAND TER NASCIDO RICO”

O paraibano Chico Ferreira não teve tanta proximidade com a família Brennand, nem com o ceramista com quem compartilha o nome inicial, mas conta que se conheceram pessoalmente em uma palestra ministrada em 1989, como parte do Workshop Brasil-Alemanha, em João Pessoa, que reunia artistas dos dois países.

Para Chico, Brennand não é uma referência direta para as suas obras, mas o considerado o

pai da cerâmica totêmica vitrificada, e completa afirmando não conhecer outro artista que tenha cerâmicas nessa vertente antes do pernambucano.

“Ele fez o passo inicial para essa cerâmica no Brasil. Já existia a cerâmica vitrificada, de descendência asiática, mas Brennand foi o pioneiro em relação à cerâmica vitrificada totêmica, e deixou uma das fundações mais importantes do mundo. Estive em algumas fundações fora do



*Chico Ferreira:
"Francisco
Brennand deixou
uma das fundações
mais importantes
do mundo"*



- ▶ Brasil e nunca vi algo nem próximo à dimensão e ao volume de obras que ele deixou. Gaudí, Miró, Antoni Tàpies, Picasso... todos têm muitas obras, mas não na dimensão e nem no volume das de Brennand. Ele vivia aqui-lo", lembra Chico Ferreira.

Por vir de uma família com alto poder aquisitivo em Pernambuco, segundo Chico Ferreira, Brennand foi alvo de uma posição conservadora da crítica brasileira. "A crítica, antigamente, tinha o olho meio atravessado por Brennand ter nascido rico, por acreditar que artista tem que ser pobre. Mas não é bem assim. A arte existe sem fundamentação econômica". A cerâmica, ainda de acordo com o artista, era vista como uma arte de gente pobre, que utilizava potes e panelas de origem do barro, e Brennand estimulou, com seu trabalho, uma releitura cultural para esta vertente artística, trazendo nobreza ao material, ideia que permanece até hoje.

Chico Ferreira reconhece a referência de Brennand em relação ao processo de esmaltação da sua cerâmica, mas não, necessariamente, às formas finais

das esculturas. Demonstra muita admiração pelas obras que conheceu pessoalmente e se sente extremamente gratificado por alguém ver, na sua obra, uma referência a Francisco Brennand. Mesmo assim, alerta para um certo cuidado que se deve ter ao identificar traços de um artista em outro. Para Chico Ferreira, "a identidade que faz referência às minhas obras e às de Brennand é a mesma que existe entre José Saramago e Augusto dos Anjos. Ambos utilizam a literatura para se expressar".

ARIANO SUASSUNA

Referência mundial na área, Francisco Brennand se tornou um dos artistas plásticos mais importantes da virada do século. Em um vídeo postado pelo canal NE10 no YouTube, Brennand relata um juramento proposto por Ariano Suassuna, que estudou com o ceramista ainda na escola. "Um dia depois da morte de Aloísio Magalhães (designer gráfico recifense), Ariano veio aqui com (o poeta) José Laurenio de Melo, se sentou à esta mesa aqui (aponta para a mesa) e de repente se levantou. Ele disse: -Eu venho aqui solenemente fazer com que vocês jurem que jamais vão morrer. É um juramento que vocês têm que fazer, que jamais vão aceitar a morte. Ficamos olhando ali, embasbacados, e o juramento já estava feito".

Sobre a morte, Brennand não conseguiu sustentar seu juramento (até porque não há juramento que se sustente), mas as obras seguem, sejam os painéis, os totens, os objetos, as ilustrações. Atravessando o tempo com sua firmeza e força e reafirmando sua imortalidade, como estado de arte concedido apenas aos grandes artistas. ✦

Um dia depois da morte de Aloísio Magalhães, Ariano Suassuna reuniu Francisco Brennand e José Laurenio de Melo e disse: -Eu venho aqui fazer com que vocês jurem que jamais vão morrer!

Cairé Andrade é jornalista. Atualmente, é repórter do 2º Caderno do jornal A União. Mora em João Pessoa (PB)

Os parasitas da festa no jardim

Considerado por muitos como o filme do ano, *Parasita* (2019), filme do diretor sul-coreano Bong Joon-ho, ganhador da Palma de Ouro em Cannes e com seis indicações ao Oscar, nos estimula a refletir sobre diversas questões. Talvez a mais aparente seja a desigualdade social e os efeitos nefastos do chamado “capitalismo selvagem”, com suas consequências: fome, pobreza, desemprego, subemprego, doenças, falta de saneamento básico, falência de políticas públicas que promovam o acesso à educação, à saúde e a uma vida digna. A nós, brasileiros, em que pesem as diferenças geográficas e culturais, o filme fala muito de perto.

No nosso dia-a-dia, usamos o termo parasita para referir aquele que vive às custas do outro, aproveitando-se de seus recursos e, às vezes, causando-lhe danos. No filme, o significado de parasita possui nuances que vão do privado ao mais amplamente político, fazendo-nos pensar, em um extremo, no sujeito que vive no porão da casa dos Park, sendo alimentado às escondidas pela governanta; na própria família que se infiltra na casa dos ricos, passando a usufruir de seus espaços e privilégios; e, em outro extremo, no próprio sistema capitalista, que, de modo vampiresco, nutre-se da força de trabalho dos mais pobres, muitas vezes escravizando-os, arrancando-lhes a energia, explorando seu tempo e oferecendo-lhes quase nada em troca.

O filme chama muito a atenção

por dois aspectos: a configuração espacial, que divide inicialmente a cidade em parte alta (classe abastada, endinheirada) e parte baixa e subterrânea (classe baixa). Quando ocorre a chuva torrencial e acontecem os alagamentos, é a parte baixa que é engolida pelas águas, que saem arrastando lixo, esgoto e destruindo tudo. Na volta para casa, debaixo de chuva, os membros da família Kim são flagrados em espaços de descida muito íngreme, que realmente dão a devida dimensão de quão baixo eles moram. Eventualmente, porém, a narrativa problematiza esse binarismo inicial (parte alta = ricos; parte baixa = pobres), ao mostrar o porão como compartimento da mansão dos Park (e, por implicação metonímica,

da arquitetura da elite), fazendo surgir sentidos ligados à macropolítica entre Coreia do Sul e Coreia do Norte – o porão, portanto, constituindo-se refúgio e abrigo para os habitantes da casa, em eventuais situações de guerra entre os dois países.

O porão da casa dos Park também é responsável por materializar uma subnarrativa (ou uma narrativa engendrada) que empresta ao filme uma atmosfera de suspense e horror. Trata-se também de uma camada narrativa que amplia a função e caracterização da governanta, antes vista de modo meramente caricatural, sem densidade ou subjetividade como sujeito. Quando ela retorna à casa para alimentar seu marido, o “parasita” que mora no po- ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*



O patriarca dos Kim vê o mundo a partir da pequena janela de onde a família mora, no mesmo nível da rua: filme chama atenção pela configuração espacial que divide a cidade em parte alta, a classe rica, e parte baixa, classe pobre

▶ rão, cria-se uma duplicidade com a história da família de infiltrados: uma família anterior (a da governanta) já se infiltrara antes. Este dado também amplifica os sentidos atrelados ao espaço do porão. Ao final do filme, o porão serve de esconderijo para o pai-assassino.

O filme também chama muito a atenção pelo modo como se apropria dos efeitos do código Morse, da internet, rede wi-fi, What's App, Google e afins. Observemos que a primeira sequência do filme mostra um personagem ("Kevin") em sua tentativa de descobrir as senhas de redes wi-fi disponíveis no entorno. Apesar do caráter cômico da situação – ressaltemos o olhar irônico da narrativa –, a sequên-

cia mostra a discrepância entre a relevância da internet e de celulares no mundo contemporâneo (sem diferença de classe social) e a falta de dinheiro dos mais pobres para pagar pelo serviço. Além disso, em momento-chave do filme, quando a governanta descobre a farsa da família Kim e faz um vídeo para denunciá-los, o botão "enviar" é comparado a um botão com poder de disparar um míssil. O pai e o casal de irmãos conseguem se passar por profissionais qualificados (que entendem, por exemplo, de arte, terapia e psicologia infantil) graças às informações que consultam no Google. Estes exemplos servem para denunciar não apenas o conhecimento superficial que a internet pode promo-

ver, mas também o fato de que o mundo da aparência tem se tornado cada vez mais passível de ser tomado como verdadeiro.

Com efeito, o filme oferece uma crítica corrosiva ao modo como, no mundo contemporâneo, as relações (sejam profissionais, sejam pessoais) são mediadas por mentiras, falsificações e representações. Este dado é tão significativo que em vários momentos da narrativa, os personagens de fato ensaiam – como em uma *performance* – situações que eventualmente passarão como verdadeiras. Lembremos, por exemplo, do prévio ensaio com roteiro, do senhor Kim, antes da entrevista à vaga de motorista da casa. Lembremos também das manipulações construídas para fazer a senhora Park acreditar que a governanta estava com tuberculose. A comédia atinge um clímax quando o motorista derrama ketchup sobre o lenço que a governanta usara, oferecendo a evidência necessária (sangue) para a confirmação da doença.

Outra sequência eloquente – inclusive porque se repete – diz respeito ao bêbado que vem fazer xixi à janela da casa-porão dos Kim. O bêbado, em um primeiro momento, alarga o espectro de "parasitas" do filme. A eventual ação de jogar água no bêbado demonstra que "parasitas" também tentam se livrar de "parasitas". E como tudo pode virar espetáculo, a sequência é não apenas filmada com o celular, mas mos-



trada em câmera lenta, de modo a ressaltar efeitos de enquadramento e fotografia.

Ainda relacionado ao campo semântico “parasita”, é interessante perceber como a questão do cheiro serve de divisor de águas entre ricos e pobres. É a criança da casa quem primeiro percebe o cheiro caracterizador da família Kim. Em um diálogo do casal Park, quando o senhor Kim se encontra escondido debaixo do sofá, há uma tentativa de definição do seu estranho cheiro: cheiro de velho, cheiro de rabanete estragado ou cheiro de pano sujo. O cheiro também volta com relevância durante a festa no jardim; na verdade, podemos até conjecturar que o senhor Kim mata o senhor Park como vingança pela constatação deste em relação ao seu (mau) cheiro. A propósito, a cena da dedetização no início do filme, quando os Park se deixam banhar pela borrifada de veneno, dá bem a medida de como eles se equivalem – figurativamente – a insetos-parasitas que precisam ser exterminados.

Quanto à crítica cultural e social mais ampla que *Parasita* oferece, podemos mencionar alguns exemplos: (1) a referência aos Estados Unidos como o país dos sonhos, admirado por muitos, encontra-se presente em diversos momentos, sobretudo quando a senhora Park menciona que

as flechas e a barraca devem ser confiáveis – afinal, foram recomendadas de lá. Ironicamente, este dado de consumo contrasta com o comportamento mais primitivo da criança, que admira os índios americanos, inclusive simulando suas vestimentas, seus gestos e seu comportamento de vida ao ar livre. (2) A realização da festa no jardim, depois da enxurrada que destruiu as casas dos mais pobres, deixando milhares desabrigados, reflete outra crítica. Na verdade, a festa no jardim constitui evidência incontestável de que a chuva torrencial só deixou rastros de destruição para os mais pobres, não afetando em nada a vida daqueles abrigados em mansões. (A propósito, lembramos do conto de Katherine Mansfield, “The garden party”/“A festa no jardim”, que constrói significados a partir de contrastes entre ricos e pobres, morte e vida, beleza e feiúra, tristeza e celebração). Não é à toa que o filme mostra, em edição paralela, imagens dos desabrigados pela chuva e alagamentos em contraste com as ações para a preparação da festa no jardim. (3) Outro exemplo: em determinado momento do filme, o senhor Kim faz o registro de que na Coreia do Sul a oferta de uma vaga para

‘Parasita’ oferece uma crítica corrosiva ao modo como, no mundo contemporâneo, as relações são mediadas por mentiras, falsificações e representações

segurança pode atrair mais de 500 candidatos com graduação. Trata-se de exemplos que referem questões globais, vivenciadas por outros países (a exemplo do Brasil), como desemprego, subemprego, falta de planejamento dos espaços urbanos, falta de moradias, distribuição injusta de renda.

Parasita aborda essas questões sem maniqueísmos, sem separar moços e bandidos, chamando a atenção para espaços e comportamentos cada vez mais globalizados, em um mundo atravessado por fotos e vídeos em celulares, por falsificações e representações que se multiplicam, denotando valores humanos apodrecidos. Em *Parasita*, é difícil apontar quem é apenas vítima ou algoz, quem é sugado, quem suga quem. ❖

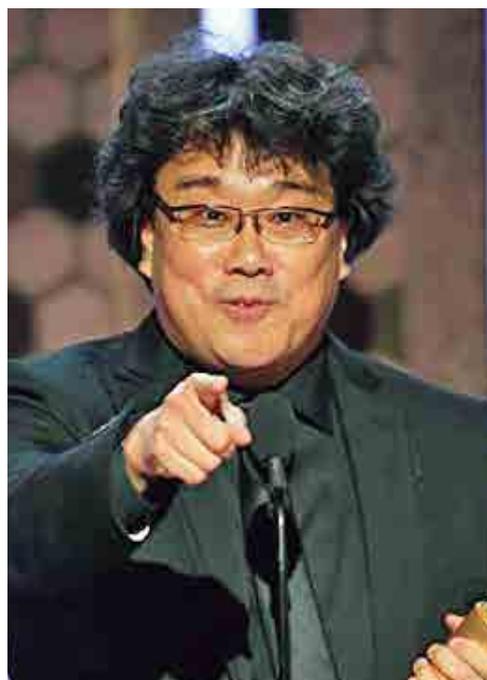
Genilda Azerêdo é Professora Titular da UFPB e Pesquisadora PQ2 do CNPq.

O CINEMA SUL-COREANO ESTÁ EM ALTA

Mesmo que saia de mãos abanando do Oscar 2020, *Parasita* já é um vencedor. O filme de Bong Joon-ho amealhou seis indicações na principal premiação do Oscar (entre elas Melhor Filme Estrangeiro, Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Roteiro Original), um feito histórico para o cinema sul-coreano, que vive seu melhor momento.

E vai chegar ao famoso Tapete Vermelho do Dolby Theater, em Los Angeles (EUA), no dia 9 de fevereiro, com mais de 100 prêmios na bagagem, incluindo a prestigiadíssima Palma de Ouro no festival de Cannes e o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro.

Nascido em Daegu e com 50 anos de idade, Bong Joon-ho já tinha uma notável filmografia quando lançou *Parasita*, seu oitavo longa-metragem. Formado em Sociologia, ele desconstrói o cinema de gênero, bastante em voga tanto em Hollywood, quanto em segmentos do cinema asiático, com um olhar apurado para questões sociais, como a adaptação da HQ *Expresso do Amanhã* (2013).



CONFIRA TRÊS FILMES PARA CONHECER O CINEMA DE BONG JOON-HO



O HOSPEDEIRO (2006)
Mistura de filme de monstro com drama familiar, ação, thriller político - e até comédia - *O Hospedeiro* foi um grande trampolim para a projeção internacional de Bong Joon-Ho. Prestigiado em Cannes e eleito como um dos cinco melhores filmes da década 2000-2009 pela revista francesa *Cahiers du Cinéma*, narra a história de uma família que mora à beira do rio Han, quando um monstro emerge da água e captura uma criança. **Onde ver: Netflix.**

EXPRESSO DO AMANHÃ (2013)

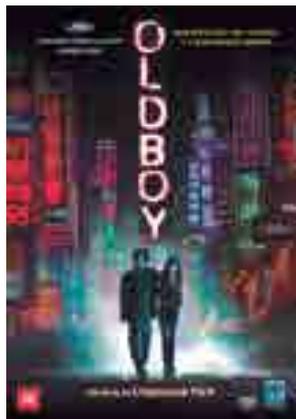
Primeira produção ocidental de Bong Joon-ho, *Expresso do Amanhã* é uma ficção científica baseada em uma história em quadrinhos. Estrelado pelo norte-americano Chris Evans, o filme se passa em um futuro glacial, no qual os sobreviventes vivem em um perpétuo trem em movimento: os mais ricos, ocupam os primeiros e luxuosos vagões. Os mais pobres ficam empoleirados nos últimos vagões. Até quando surge um líder disposto a acabar com essa diferença. **Onde ver: Amazon Prime, Google Filmes (locação e venda), DVD e blu-ray.**



OKJA (2017)

Produção exclusiva do Netflix, foi o filme com as piores críticas da carreira de Bong, mas ganhou uma vitrine que o cineasta nunca teve no Ocidente, levando-o a se tornar um dos campeões de audiência da plataforma de streaming em 2017, quando foi lançado. A *Okja* do título é uma super-porca criada por uma empresa com a finalidade de ser abatida para acabar com a fome no mundo. Mas sua dona, a jovem Mija, fará de tudo para salvar o animal. **Onde ver: Netflix.**

CINCO ÓTIMOS FILMES DA RECENTE SAFRA DO CINEMA SUL-COREANO



OLDBOY (2003)

Após ser sequestrado e mantido em cativeiro por 15 anos, Oh Dae-Su se liberta disposto a encontrar seus sequestradores em cinco dias. Segundo filme da *Trilogia da Vingança* e o filme que catapultou o diretor Park Chan-wook. Disponível nas plataformas de streaming (locação e venda) e em DVD.



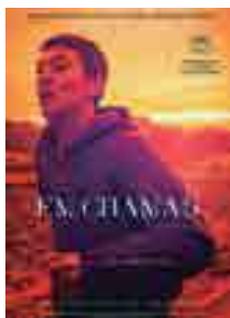
INVASÃO DO ZUMBI (2016)

Pai e filha tentam sobreviver em meio a uma epidemia zumbi em um trem em movimento, que parte de Seul em direção a Busan. Dirigido por Yeon Sang-Ho, disponível nas plataformas de streaming (locação e venda) e em DVD.



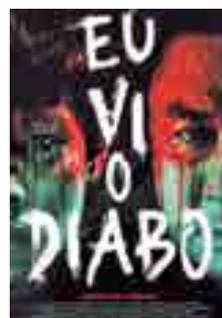
A CRIADA (2016)

Na Coreia dos anos 1930, uma jovem vai trabalhar para uma herdeira nipônica que leva a vida isolada do mundo ao lado de seu tio autoritário. Mas a jovem guarda um segredo que irá colocá-la em confronto com sua patroa. Também dirigido por Chan-wook Park. Disponível em DVD.



EM CHAMAS (2018)

Jong-su é um rapaz suburbano que topa tomar conta do apartamento de uma vizinha enquanto ela viaja ao exterior. Quando ela volta, apresenta um sujeito misterioso e rico que tem um hobby secreto. Dirigido por Chang-dong Lee, está disponível nas plataformas de streaming (locação e venda).



EU VI O DIABO (2010)

Agente especial vê sua vida se tornar um caos quando sua esposa é raptada por um serial killer. Magistralmente dirigido por Jee-woon Kim, filme de ação é lembrado por seus planos seqüências, muito sangue e violência. Não foi lançado em home-vídeo no Brasil.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

O duelo

Jesuíno André
Especial para o *Correio das Artes*

Dois homens numa mesa. Dois experientes, vividos e sagazes no exercício de viver.

Ambos na mesma faixa etária, estabelecidos profissionalmente, experimentados nas relações formais, com filhos crescidos, e solteiros por opção voluntariosa.

Dois homens sentados lado a lado. Algo em comum: conquistadores. Cada a um ao seu estilo, mas a mesma origem de conduta. Os perfis são gêmeos: galegos de rosto sério, fa- ▶



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

▶ las poucas, olhares de rapina, sempre bem alinhados, vistosos e dispostos.

Era uma festa, comemorava-se um desses raros oitenta anos lúcidos de um amigo em comum. O boteco era o cenário simples e familiar, onde aninhava todos os sortilégios diante da significante celebração. Foram apresentados. Observaram-se. Conheciam-se em pretéritos inexistentes. Não havia a necessidade de estudo.

Era uma bela e jovem morena. Estava numa mesa vizinha, muitos convidados circulavam entre as atenções. Estatura mediana, pernas roliças, cintura fina, busto compacto, sem gorduras e com um riso bonito. O cabelo longo estava preso em rabo de cavalo; carregava tatuagens exuberantes expostas na carne protegida por pouca roupa. Uma tentação, em suma.

Nem se faz necessário imaginar o que se passava na cabeça dos conquistadores. Eram originais em seus particulares *modus operandi*. Mestres de uma mesma escola.

O campo era único e as armas parecidas. O embate havia sido desde que pisaram e perscrutaram o ambiente. O tempo era algo precioso que não se perdia. Era o mais valioso dos aliados. Tomaram as posições.

– Tá vendo aí?! – um iniciou apontando o queixo – Essa boazuda é uma fria. É mulher de traficante!

Olharam-se friamente.

– E é?... – o outro parcimonioso cerrou os olhos.

Entre goles e conversas fiadas, as tramas entrelaçaram-se.

Um sujeito conhecido do outro foi chamado discretamente. Entre cochichos, foi intimado para tarefa super discreta. O campo sensorial dos conquistadores é algo enigmático. São poucos os capazes.

O outro já tinha percebido. O jogo não era num tabuleiro, mas a maquinação das peças eram as mesmas artimanhas.

Aquele recebeu na mão esquerda, por baixo da mesa, um pedaço de papel com números. Tratou de colocar no bolso.

A morena sabia da coبيça. Estava calejada. Em seus cós dois filhos pequenos e uma atração por bandidos – o primeiro morto aos vinte anos e o segundo preso por tráfico –, morava sozinha e nenhum atrevimento lhe circundava. Aos trinta a vida lhe marcava com ferro e fogo, mas a sua voz ainda era doce e a simpatia inigualável.

– Mas rapaz, você é bestinha. Pegou o telefone da moça. Um perigo, né?...

O outro deu um riso amarelo. A jogada foi pesada.

– Você acha que ia passar em branco?

– Claro que não.

A bebida é social. São experts ao se envolverem com o vinho. Nunca caíam nessa armadilha vulgar.

O calor sufocava, o álcool fazia efeito e o barulho aumentava. Festejava-se com a permissão do inconcebível.

Um levantou-se e foi ao banheiro. O outro, aproveitando, revidou, foi em direção ao pecado.

Falou ao pé do ouvido da moça. Anotou a resposta nas teclas do celular.

– Ela disse que faz faxina, arruma a casa e sabe passar roupa.

– É, eu sei. Ela também me disse.

– Será confiável?

– É o que veremos...

Selaram o empate com um aperto de mão.

Soubesse depois que os dois sofreram as primeiras derrotas.

Ela não entraria numa fria; fez apenas botar lenha na fogueira dos desejos e das vaidades. ❖

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast *MeuSons*. Publica suas crônicas nas redes sociais: Instagram: @jesuinooliveira; Twitter: @jesuinoandre.

Irresistivelmente gostosa



EDSON MATOS

Rosana Piccolo é poeta paulistana inquieta, provocativa e inovadora. Nunca havia lido um livro seu, até que me caiu nas mãos *Bocas de Lobo* (Patuá), num desses envios gentis do Eduardo Lacerda. De cara, ela escancara o mundo dos usuários crack, os vaga-lumes vagando, no cenário de devastação urbana de uma tristíssima São Paulo, cidade tomada como tema do livro. E me ganhou de cheio.

Rosana Piccolo (São Paulo, 1955) é formada

em Filosofia pela USP e em Jornalismo pela Cásper Líbero. Além de *Bocas de Lobo* (2015), publicou *Ruelas Profanas* (1999), *Meio-Fio* (2003), *Sopro de Vitrines* (2010), *Refrão da Fuligem* (2013) e *O Pão* (2018). Todos de poesia. *Alla Prima* (2019, Patuá) é seu mais recente livro.

Depois de lido o livro recebido, saí atrás dos demais. Por isso digo: Rosana Piccolo é poeta de uma obra de leitura imprescindível, apaixonante, inquietantemente gostosa e arrebatadora.

Ela não se cansa de reinventar-se. E de nos cutucar em nossos sentimentos e criações.

Criações de arte, de poesia, de vida.

Alla Prima é uma antologia do que a própria poeta considera o mais representativo de sua produção. Além de poemas inéditos. Tudo reunido indistintamente. Misturado. Quem não conhece a obra de Rosana não distingue o inédito do publicado. Não faz mal. Critério único: qualidade poética.

Poesia em sincronia. Poesia em sintonia. Poesia em harmonia.

O resto que se exploda.

Rosana Piccolo quer mais galáxias e estrelas em redes infinitas de gozos sígnicos. Corpos em cópulas.

Num primeiro momento, como no primeiro sexo, o leitor pode perder o chão. Não por desorientação. Mas por encanto imenso. ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Rosana Piccolo e a capa do seu novo livro (abaixo): autora é poeta de uma obra de leitura imprescindível, apaixonante, inquietantemente gostosa e arrebatadora

► A perda do referencial por imersão total nele. A perda de si por adentrar-se absoluto no outro. E o alter. É a poesia.

Esta entrega, por um instante, é o “inestante”.

Dura um quanto imensurável.

Tempo. Tempo. Tempo. Um senhor tão bonito quanto a cara do Bernardo, meu filho.

Eu vivencio esta beleza pura pureza.

Puro azul celeste celestial.

Você vive esta beleza pura pureza.

Puro azul celeste celestial.

Sem saber. Sem sabermos. Imersos nela.

Total. É a poesia da Rosana Piccolo. A seda azul do papel que envolve a maçã.

“CERIMÔNIA DO CHÁ”

Em uma dessas vitrines, dubiamente iluminadas pela hora mágica, pode ser visto o tatame.

O braseiro rivaliza o pôr do sol. Fumega o incenso, fumega sem fim. A caligrafia da chuva já foi removida.

Rente à parede, nasce o ikebana da nova estação.

Possível ver os convidados, três ou quatro.

E o gestual do anfitrião – lá fora assoviam sacis, arrepio no crânio das cerejeiras. O vaso, a cumbuca, utensílios de nome poético foram retirados do recinto, de entrada tão pequena que o samurai aí se agacha, espadas do lado de fora.

O chá é vulcão adormecido: por um tremor derrama o perigo, e queima, e dói, e não é? Há também a estampa dos quimonos, cuja flor é tão perfeita que a natureza não soube imitar.

A poesia de Rosana Piccolo tem a força mágica de lançar o leitor no vaivém intergaláctico das mais inusitadas combinações de: 1) sentidos; 2) sensações; 3) músicas; 4) formas; 5) ideias; 6) gozos; 7) complete você mesmo...

O leitor estanca para, passo seguinte, emergir-se em alumbamento.

Este auto-encontro entre o que sente perceber e o que percebe ser, desenha uma dinâmica que, ah!, susta-lhe a respiração – ora em fôlego curto, ora sem fôlego algum.

Magia medra o devaneio. Mas também a certeza.

Quem sabe o que é poesia, quem penetra seus mistérios e materialidades, seus meandros e geometrias, quem penetra suas reentrâncias e saliências, convive com sua essência, sua rarefação e concreção, seu gole de absinto e porção de alfenim.

“DIÁRIO DO DIA”

O dia chega aos trancos, nas presas da serra elétrica.

Com negra gordura vela o semáforo, britadeiras latejam no chão difícil. Detêm-se no arranha-céu.

E empilha suas dentaduras de prata.

Chega estridente. E vocifera, e machuca a manhã de tímpanos frágeis. Na chaminé desabafa, mistura gel e fumaça – penacho de pressa nos cafés expressos.

O dia saliva nas filas. No comedouro do meio-dia e meia, onde a carne esfria; e se requeixa em banho-maria.

E desaba. E pisoteia letreiros, esquinas desencantadas.

E se enrodilha nas placas como fio embaraçado. E se estica, e se esgarça meu coração aos soluços.

Enfim o rapto da noite – ascende em bicicletas e pombos recolhidos – na praça dos meus lagos, onde enterro o céu no chão.

Às galáxias destas sensações e maravilhamentos vêm somar-se a estupefação e o encanto dos que são tomados pelo amor.

1. Amor à linguagem da poesia, antes de tudo.

2. Amor à vida, acima de tudo.

A coreografia dos signos em dança desenha, passo a passo, passo sim, passo não, o compasso & o descompasso das: (a) ideias; (b) sons; (c) imagens.

→ tudo em close → tudo em unísono → tudo em foco → tudo uno & múltiplo & plural.

PORQUE em Rosana Piccolo,

cada poema é sempre lido como o primeiro, o inicial, o único. Mesmo que já lido, é como se pela primeira vez, tal seu grau de inventividade. Mesmo que você o conheça, lê-lo é partir do grau zero da leitura. E isso o faz obra prima, isso o faz ser como o primeiro, daí o título desta antologia que já nasce admirável.

Lê-se Rosana Piccolo e sente-se inspirado. Com vontade de fazer poesia – se você já é poeta ou com vontade de ser. Ou se você está lendo o **Correio das Artes**, isto já é um sinal de que você lê livros com muitas coisas escritas, considera a arte e os artistas importantes e etc. e tantas coisas óbvias mais...

Voltando. O leitor sente-se inspirado ao ler Rosana Piccolo, tal como desejava o querido Valéry, para quem o poeta não tinha de se sentir inspirado. Isso não dizia muito para fazer boa poesia. Sentir é pouco. É preciso dominar a arte da linguagem da palavra para fazer poesia. Se sentir bastasse, os bares estariam lotados de excelentes poetas. E não é bem assim. Mas esta é conversa para outro CEP 20.000.

Rosana Piccolo faz poesia à flor da pele & à flor da mente. O intelecto premiado pela sensibilidade de formas que informam e seduzem. Ideias em parceria com os sentimentos. Inventividade e emoção. Por isso vale a repetir, leitor: eis uma poesia inovadora e irresistivelmente gostosa de ser lida – melhor: irresistivelmente gostosa de ser devorada. ♥

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

Do Minério ao Sangue:

A POESIA DE JOSÉ ANTONIO GONÇALVES EM
CAVERNAS, ARENITOS E POEMAS

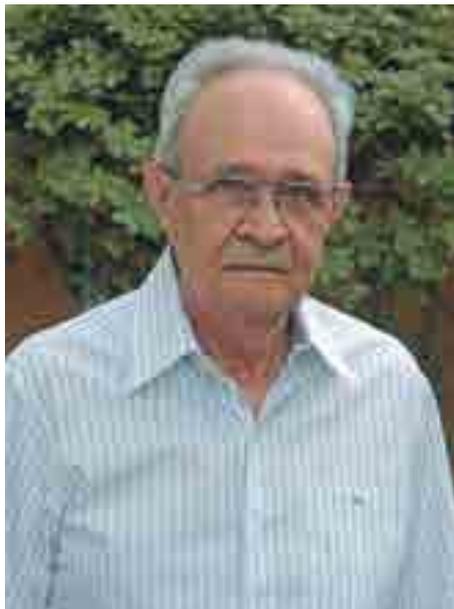
Gledson Sousa

Especial para o *Correio das Artes*

A arte é uma esfinge que não se deixa decifrar; em primeiro lugar, porque seus enigmas não possuem respostas ou possuem-nas demais; em segundo lugar, porque suas linguagens não se encerram num único horizonte, o que torna difícil a redução *ipsis literis* de qualquer sentença, seja na poesia, na pintura, ou qualquer outra arte. Arte é sobretudo invenção, e invenção é recriar-se em meio à gestação.

Penso nisso tudo ao ler *Cavernas, Arenitos e Poemas* (EdLab, 2018), do discreto poeta José Antonio Gonçalves. Digo-o discreto porque José Antonio corre à margem dos movimentos, grupos e correntes, e ainda que em seu último livro haja uma aproximação da linguagem surrealista, ousaria dizer, de seu jogo de imagens e metáforas, tais como Breton assimilou de Pierre Reverdy, José Antonio parece-me fazer isso à maneira dos alquimistas, que se apropriavam da linguagem e

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Discreto - Autor de 'Cavernas, Arenitos e Poemas', José Antonio Gonçalves corre à margem dos movimentos, grupos e correntes

José Antonio Gonçalves

CAVERNAS
ARENITOS E
POEMAS



técnicas de metalúrgicos e ferreiros com vistas à outra realidade, ou seja, usavam-nas como ferramentas.

Porque ainda que imbuído de uma metafísica em que transparece uma nítida influência da gnose, com a cosmovisão de um mundo dual – terra/céu, corpo/alma, alto/baixo -, as metáforas e imagens de José Antonio partem de uma realidade que desperta, no poeta, angústia e estranhamento. Mas a realidade está ali, e a poesia é seu espelho invertido, é o lado da câmara escura por onde a luz se projeta e a realidade é o reflexo que se deposita em seu interior.

Heidegger dizia que “Do ponto de vista ontológico-existencial, o não-sentir-se-em-casa deve ser concebido como o fenômeno mais originário”.¹ Sendo assim, o estranhamento pressentido por José Antonio possui esse matiz de experiência originária, primeva, do poeta em confronto permanente com o mundo.

Nos poemas de José Antonio Gonçalves há uma meditação sobre o tempo, a vida, o corpo.

A vida é metaforizada, todo acontecimento transforma-se em símbolo, em algo mais que não se encerra em si mesmo, apontando sempre para um lugar outro, um além, um aquém, um agora.

Mas vida e corpo não são idênticos: há um vapor gnóstico que emana das separações presentes no texto: aqui/além, corpo/alma, puro/impuro. O corpo é identificado a uma prisão e o amor é a ascese capaz e reconciliar as duas instâncias pelo processo de queda na matéria (“a luz do amor / fere fundo / por todo lado // a chama / do candelabro / é o punhal / arremessado / pelo sonhador // a qualquer momento / vai acertar o alvo o disparo do condor”, p. 79).

¹ AGAMBEN, Giorgio. O Uso dos Corpos – Homo Sacer IV, 2. São Paulo: Editora Boitempo, 2018, p. 65

► No texto gnóstico “A Realidade dos Governantes”, há uma frase que diz: “(...) pois a partir do território invisível o território visível foi criado”². A poesia de José Antonio parece querer recuperar essa fonte da realidade material, partindo da matéria mesmo para um além apontado em experiências de transcendência que são verdadeiras narrativas à *clef*. Não há a transcendência em si como a coisa kantiana, porque uma transcendência que se deixa capturar pela palavra já deixou de sê-la, mas também porque José Antonio não abre mão do controle de si, o consciente do poeta está presente o tempo todo, ele não se deixa arrebatar pela experiência, mantém-na sob controle. Penso nos poemas “Um Poema Subdividido (p. 39) e “O Transe” (p. 87) que parecem relatar experiências pelas quais o poeta passou em busca do divino, do transcendente.

O título diz *Cavernas, Arenitos e Poemas*, uma conjunção que separa. Poemas vêm depois. Do ponto de vista simbólico, cavernas representam o que esconde e também a própria mente. Lembremo-nos do mito da caverna platônico e a caverna é o lugar onde se manifesta uma aparência da realidade, aparência esta que é incompleta, mas que é real: as sombras projetadas na caverna, tal como nos relata o mito, são reais, mas reais como sombras e não como o todo da realidade que os habitantes da caverna imaginam perceber.

Arenito é um tipo de rocha sedimentar, ou seja, formada pela junção de um ou mais elementos através da compactação. Então teríamos cavernas e material sedimentar, textos que se acumularam e se fundiram ao longo do tempo? É possível, como também é possível que sejam as próprias experiências do poeta que se fundiram num instante único, abrindo-o para outras dimensões da existência.

Há que se lembrar de que o

poeta dedicou um poema ao instante (“Água Viva”, p. 15), onde num belo poema em prosa, o poeta medita sobre o tempo (“O instante é o tempo imobilizado cada vez que a roda do carro veloz toca a estrada. A vida só é percebida com intensidade quando em contato com o movimento.”).

Mas onde aparece também a referência ao corpo como uma prisão e a própria realidade material como uma experiência sufocante: “Encontro liberdade ao perceber as sombras assimétricas das grades da minha prisão impressas no cimento” – a sombra do corpo em movimento (observação minha). “Preso no mundo, eu sou o outro em silêncio. Luto para sair do emparelamento” – ao ler isso, não pude esquecer essa passagem gnóstica: “Existe um véu entre o mundo de cima e os reinos que estão embaixo, e sombra veio a existir sob o véu; e essa sombra se tornou matéria”³. Véus e paredes a impedirem a experiência do real, o real como fundamento e essência e não aparência.

É curioso pensar que um pensamento mineral esteja na base da organização do livro, em sua arquitetura poética. Mas quase como um contraponto à arquitetura poética, a linguagem se reveste de símbolos orgânicos: sangue, água, carótida (assim mesmo, em linguagem médica), boca, carne, peito, feridas, seios, cicatrizes... São muitas as palavras que trazem à arquitetura mineral uma face orgânica, e essa fusão, ou sedimentação, é também a fusão dos diferentes planos, antes inconciliáveis, agora fusionados pela experiência poética.

Essa fusão não se dá sem dor; se o estranhamento é a base de seu confronto com o mundo, a angústia parece irremediável, mesmo quando a transcendência parece abrir as portas, como no poema “Hermetismo”:

*dualidade
eu estou em você
você não está em mim*

*estímulos redobrados
as musas adormecem
duas felicidades cansadas e perdidas
causas e efeitos em desordem
solidão ao lado do outro
maternidade e traumatismo
ponto final da escada*

O tempo, esse guardião implacável, parece vigiar toda poesia, e há um sentimento de perda, de dor, que corresponde à medida do tempo

A grandeza do poético está em nos fazer esquecer que é poético e nos remeter diretamente à vida, em sua confusa plenitude

que passa e que torna a experiência pretérita, incompleta, mesmo a experiência amorosa, quando ela não consegue romper a casca do tempo em direção à eternidade.

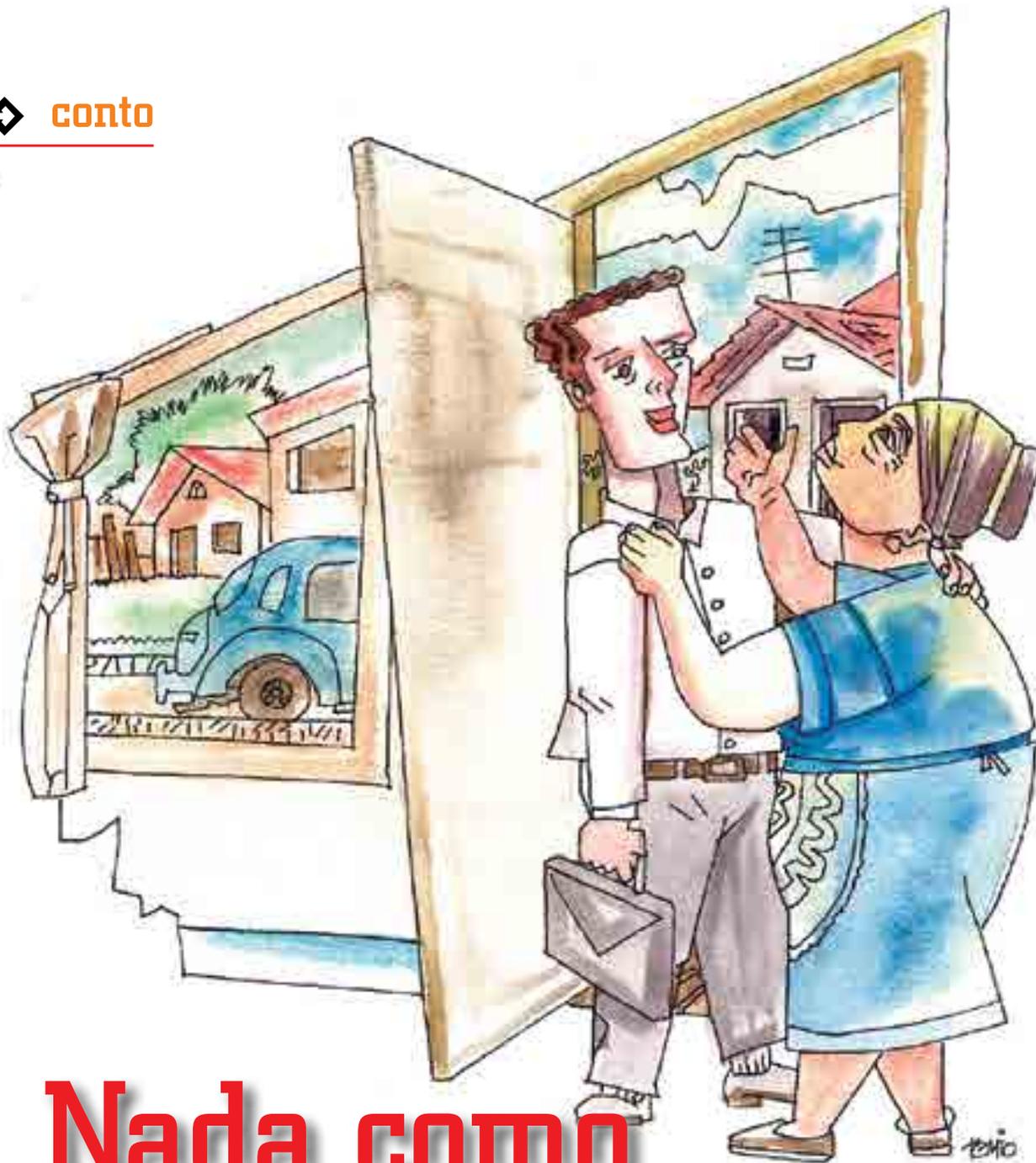
Não diria que a poesia de José Antonio Gonçalves traduz uma totalidade poético-amorosa. Poucos poetas o fazem: Lorca, Saint-John Perse, René Char, Pessoa? Talvez. O que ele nos apresenta é uma realidade fragmentada que a poesia tenta unificar, numa sintaxe de estranhamento e dor que nos leva além pelos mais estranhos caminhos, do minério à dor, como só a boa poesia consegue fazer.

A grandeza do poético está em nos fazer esquecer que é poético e nos remeter diretamente à vida, em sua confusa plenitude. Se essa plenitude é percebida pela angústia, faz parte de nossa natureza ainda dividida; a poesia a redime no indivíduo, mas é necessário que as fraturas históricas sejam cicatrizadas para que acabe a cisão do humano. ✦

Gledson Sousa é escritor, autor de *Fantasma* (Ed. Jaguatirica) e crítico de literatura.

² LAYTON, Bentley. *As Escrituras Gnósticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 82

³ Idem, p. 88.



Nada como

UM DIA DEPOIS DO OUTRO

Luiz Augusto Paiva

Especial para o *Correio das Artes*

*Voltaste, estás bem, estou contente
Mas me encontraste muito diferente
Vou te falar de todo coração
Eu não te darei carinho nem afeto
Mas pra te abrigar podes ocupar meu teto
Pra te alimentar, podes comer meu pão.*

Lupicínio Rodrigues

Acho que foi a viuvez que deixou minha mãe com um pé atrás em quaisquer aventuras que eu pudesse sonhar na vida. Não estou falando de escalar montanhas, sair de mochila nas costas pelo mundo afora ou outras coisas assim. Ela fazia restrições às situações mais simples do mundo. Ficava toda cismada quando me via sair sem

agasalho. Se o tempo mudar você pode pegar uma pneumonia, recomendava sempre que eu saía à noite com medo que eu ficasse doente dos pulmões. Fez o maior alarido quando comprei meu primeiro carro, um fusquinha, já de terceira mão ou talvez de outras mais, só porque vieram com ele vinte e quatro prestações. Você parece que não ▶



► pensa no futuro, ela disse quando mostrei aquela preciosidade na cor azul turquesa, com motor tinindo e lataria que nunca havia levado massa em oficina de funilaria. Uma lindeza! E olha só, eu já tinha vinte e quatro anos e fazia seis que trabalhava com carteira assinada. Desde que me formei em contabilidade na Academia de Comércio, finquei pé aqui no escritório “Damaceno & Irmãos”, meu único emprego. Tenho orgulho dele. Tudo aqui é por minha conta. Só não sou sócio, mas me tratam como fosse. E ainda reforço o orçamento em casa na época das declarações do Imposto de Renda. Nunca procurei outras coisas na vida, outras oportunidades, melhores salários. Talvez influência de minha

mãe. Mais valem dois pássaros na mão do que um voando, dizia ela nas poucas vezes em que aventei a possibilidade de tentar outra colocação. Acho que por isso mesmo fui me acostumando. E olhem só, já são quase vinte e cinco anos. Recebi as merecidas promoções; fora isso, minha vida aqui parece estacionada no tempo, a mesma escrivadinha nesse um quarto de século, tudo do mesmo jeitinho, só a minha Remington perdeu seu lugar para um computador; no resto, tudo absolutamente igual, sempre.

Mas enfim, minha mãe sempre esteve muito presente, pois quando meu pai faleceu, eu filho único, tinha só sete anos. Desde então aquele apego todo, cuidados que muitas vezes me inco-

modavam. Eu reclamava vez ou outra. O dia que eu partir dessa vida, aí sim, você vai dar valor. Dizia coisas desse tipo quando percebia que suas reclamações me incomodavam. Mas hoje eu entendo, ela tinha muito medo de me perder.

Já de Seu Camilo, meu pai, pouco me lembro, apenas de suas tardes de domingo, sempre deitado folheando um jornal e com o rádio ligado escutando futebol. Guardei naquela minha caixinha de lembranças, poucas coisas desse homem, mas ainda tenho aqui comigo seu apreço pelo Vasco da Gama Não puxei a ele quanto a essa paixão. Não sou ligado em futebol. Só em Copas do Mundo, mas aí também, quem não é?. Meu pai era chofer de praça e morreu numa corrida que fez no seu Austin para Santa Luzia. O carro bateu em um outro que vinha em sentido contrário, capotou, caiu na ribanceira e pegou fogo. Não me lembro disso, minha mãe que vez ou outra tornava ao assunto: deixou a gente com uma mão na frente e outra atrás, tive que fazer das tripas o coração, mas acabou dando certo, você está aí um homenzarrão todo bonito, está até na hora de casar, tomar responsabilidade na vida. Dona Alzira era assim comigo, não perdia a oportunidade para dizer como fora difícil me criar, dar carinho, estudos, me fazer homem de bem. Eu era um troféu que conquistara no complicado jogo da vida e fazia questão de alardear isso. Quantas vezes eu a vi de papo com Dona Leonor, dizendo, do orgulho de ter um filho como eu e que queria muito um neto para pegar no colo. As vezes sinto falta do choro de menino, reclamava para nossa vizinha.

Não tinha planos de me casar. Minha vida estava muito boa daquele jeito: comida, casa, roupa lavada e passada. De segunda à sexta no trabalho, das oito às cinco da tarde e uma horinha só para o almoço. Depois que terminei meu curso noturno de graduação em Ciências Contábeis, recebi minhas promoções e outras incumbências, muitas vezes levei trabalho para casa, coisa que não fazia quando era apenas

► técnico em contabilidade.. Sempre fui homem de responsabilidade, muito respeito pelo anel de contador que sempre carreguei no dedo. Essa pedra de rubislite está aqui para guiar minha conduta de contabilista. O trabalho, as obrigações, sempre em primeiro lugar. Fim de semana, já que ninguém é de ferro, para mim praia era o melhor que existia. Pé na areia, água do mar, nada igual para encher a gente de boas energias. Cervejinha com os amigos, caranguejo no coco, lá na palhoça do Chicó. Tinha coisa melhor? Naquelas horas até que rolava uma paquerinha aqui outra ali e quando Deus ajudava a gente ia para os finais. Quando Ele ajudava, claro.

Era assim que ia levando a vida. Nada de grandes emoções. Até que um dia ela pareceu. Eu recebera quinze dias de licença para tirar pedras da vesícula. Cirurgia de pouca complexidade, mas o protocolo exigia duas semanas de repouso até tirar os pontos. Voltei recuperado, o repouso me fizera bem. Só na cama, lendo uma coisinha, vendo televisão e todo aquele cuidado de Dona Alzira. Chá de boldo para ajudar na digestão e outras mezinhas de minha mãe me fizeram novinho em folha. Quando cheguei ao escritório, numa segunda-feira, haviam contratado uma moça para preencher a vaga do Seu Nicanor que acabara de se aposentar. Uma moça? Não! Aquilo era uma deusa. Devia ter pouca coisa além de um metro e setenta, cabelos negros, cacheados, pele puxando um pouquinho para o mulato, cor de jambo, como dizem. Corpo, que corpo! Tudo nas medidas. Rosto delicado, boca, nariz, queixo, etc, etc...tudo numa divina harmonia e para completar essa suprema obra, duas esmeraldas reluzentes para incendiar a alma de quem ousasse cruzar com aquele olhar de tigresa. Ah, esse olhar! Veneno de mamba negra, inoculou, tchau! Esquece, não tem remédio. A mesa de Seu Nicanor era bem ao lado da minha e agora tinha uma nova ocupante. Foi esse alumbramento que tive ao chegar, quando aqueles olhos injetaram a peçonha poderosa

bem ali do lado esquerdo do meu peito. Oi, sou a Maria do Carmo, vim preencher a vaga, do Seu... Demorou um tiquinho para eu perceber que era comigo, mas me recompus e terminei o raciocínio dela: Nicanor. Isso, estava me esquecendo, continuou ela, arriscando um leve sorriso. Finda as apresentações, o coração em pulverosa, fui tratando encarar minha Olivetti e ir ajeitando minha papelada. Tinha muita coisa atrasada para por em dia.

Voltando à nova funcionária, qualquer dúvida que ela tivesse era só me procurar, recomendara Seu Damasceno, o dono da firma. Sabe tudo esse rapaz, garantiu meu patrão e por essas e por outras é que eu tinha a desculpa de perguntar a ela se estava precisando de alguma coisa. Logo vieram as primeiras demandas, coisa pouca, um cálculo aqui, uma guia para preencher depois e assim fomos indo. Numa tarde, sem mais e nem menos, ela me disse, eu não sei o que seria de mim sem você. Isso dito, fiquei até pensando que aquilo podia estar um pouco além das coisas de contabilidades. Falou isso e me cravou aquele olhar de lince para despertar meus arrepios. Não bastasse essa declaração, acionou com movimento dos pés as rodinhas de sua cadeira até que ficasse suficientemente próxima para segurar minha mão e dizer: não tenho como pagar toda essa ajuda. Eu disse que não se preocupasse e precisando... Falei olhando aqueles olhos, aquela boca, aqueles braços desnudos à mostra...Como eram bonitos os braços de Do Carmo, pois era assim que a chamava desde seu primeiro dia. Foi ela quem pediu, pode me chamar de Do Carmo e então dispensei o Maria do nome dela. Aquela minha exultação durou alguns segundos, logo ela deu ré na cadeira e antes de retomar os trabalhos deu uma piscadela com aquele olhar de gata angorá, só para maltratar minhas ansiedades. Mulher bonita é assim, sabe e gosta de açoitá-las nossas inquietudes.

Numa sexta-feira criei coragem e perguntei se depois do expediente ela não gostaria de tomar qualquer coisa comigo.

A barraca do Espanhol ali na calçadinha da praia tem cerveja à melhor temperatura, tripinha crocante e outros petiscos da melhor qualidade. Então ela disse que sim, mas dispensava a tripinha, podia ser outra coisa qualquer, menos tripinha. Então eu disse tudo bem, a gente pede outra coisa. Pode ser uma cioba? Ela perguntou. Eu pensei, logo o peixe mais caro, mas tudo bem, ia valer o investimento.

Saí para o almoço num pé e voltei noutra. Mal deu tempo de almoçar. Ajeitei a melhor beca e avisei Dona Alzira para que não me esperasse para o jantar. No trabalho as horas preguiçosas, teimavam em não empurrar os ponteiros modorrentos com a velocidade que eles deviam circular no entorno daquela circunferência numerada pregada bem à minha frente, no lugar mais visível do escritório. Tentei manter a compostura, minha altivez costumeira de funcionário exemplar. Consegui às duras penas, mas consegui. Vez ou outra eu e Do Carmo trocávamos olhares. Trocávamos? Como chamar aquilo de troca? Cada vez que se cruzavam eu esticava meu débito, sempre achava que ficava devendo alguma coisa quando aquelas duas esmeraldas inoculavam-me sua peçonha para fraquejar minhas pernas e coração.

Cinco da tarde eu estava todo prosa, com tudo organizado sobre a escrivaninha e aquela bagunça toda dentro de mim. Podemos ir? Perguntei para Do Carmo. Claro que sim querido, ela respondeu. Querido? Esse "querido" só fez aumentar meu entusiasmo. Saímos direto para o estacionamento. Notei que ela não se encantou com meu fusquinha azul turquesa, mas entrou no possante sem reclamar. Onde você quer ir? Perguntei. Podemos primeiro tomar um sorvete e depois dar um giro ali na calçadinha da praia, ela disse. "Dar um giro" eu sabia o que era, mas não estava acostumado com essas falas. Achava meio vulgar, mas desconsidere e disse que gostava de sorvete de coco. Do coco queimado mais ainda. Ela disse que gostava do de manga-ba e fomos para a Buon Gelato ►

▶ que era a melhor sorveteria na rua da praia. Tomei minha taça bem aos pouquinhos como que quisesse eternizar aqueles momentos. Do Carmo pediu o dela com duas bolas, mas dispensou a taça e pediu na casquinha e cada vez que colocava aquele cone na boca me olhava daquele jeito que Hedy Lamarr olhava Victor Mature no filme *Sansão e Dalila*. Senti que queria me dizer algo. Certamente havia alguma coisa que gostava mais do que sorvete de mangaba. Mas prudente como sempre fui, resolvi esticar a corda e me fiz de desentendido. Onde você quer ir agora? Perguntei tentando disfarçar minha ansiedade. Vamos dar uma volta na calçadinha, pode ser? Respondi, claro que sim e fomos.

Começamos falando do escritório. Ela disse que estava muito entusiasmada, que me agradecia muito e outras coisas, até que perguntou: você não vai segurar a minha mão? Nem precisei tomar atitude, pois ela tomou a iniciativa, puxou pela minha mão, olhou nos meus olhos e inoculou o veneno de mil cascavéis. Vamos ali no Espanhol tomar um chope. Ela propôs de forma muito imperativa. Fomos. Sentamos bem pertinho um do outro, lado a lado. Quando chamou o garçom, encostou-se em mim e colocou a mão sobre minhas pernas. Naqueles tempos eu não era como hoje, meio estropiado de saúde. Estava em forma e nem preciso contar como meu organismo reagiu à mão de Do Carmo me tocando de forma tão insinuante. Mas me contive. Tomei um chope, depois outro, mais um quando, depois de tanta conversa para boi dormir, ousei perguntar se agente estava namorando. Então ela indagou: o que é que você acha? Eu não achava nem que sim nem que não. Foi quando aquela mão destemida percorreu caminhos inimagináveis. Aperrou minhas intimidades. A cioba ficou para outro dia.

Nem preciso dizer como foi aquela noite, nem muitas outras que se seguiram. A cada encontro, Do Carmo me exauria, cada pouquinho dela arrancava quase tudo de mim. No escritório nada dessas coisas, mantínhamos a

compostura, ou pelo menos tentávamos. Vez ou outra me olhava com aquele olhar de Capitu, abria ligeiramente a boca e me mostrava a pontinha da língua como que se não quisesse coisa alguma, toda dissimulada, como não estivesse nem me vendo. Era uma danada nessas artimanhas. E assim fomos levando, até um dia entre lençóis, quando a lua nem tinha se levantado direito eu disse que queria que ela conhecesse minha mãe. Dona Alzira andava preocupada comigo, com minhas ausências, com minha perda de peso, com minhas olheiras. Vai gostar de você, Do Carmo, eu falei. Então Do Carmo, como uma diva de cinema, levantou-se enrolada nos lençóis e sem eu menos esperar... Por que não agora, meu amor? Ponha sua roupa e vamos. Fomos.

Dona Alzira se encantou. Quem não se encantava com Do Carmo? Aproveitei aquela benquerença e saí para ir à padaria buscar algumas coisas, pois estávamos desprevenidos para receber visitas e deixei as duas em conversa animada. Do Carmo contou para minha mãe que era de Jacareí, no interior de São Paulo, os pais morreram quando era novinha, foi criada por tia, ela e o irmão que hoje mora em Boa Vista. Resolveu vir para cá e morar com uma prima por parte de pai, casada com dois meninos e um no buxo. Marido é caminhoneiro, quase nunca está por lá, mas é gente de bom coração. Sabe como é, não é Dona Alzira? Morar na casa dos outros não é fácil. Não é mesmo, minha filha, minha mãe concordou.

Quando cheguei, parecia que se conheciam há anos, tão animada estava a prosa das duas. Fizemos um lanche e na sequência Das Dores se encarregou de por o pó no coador e coar o café, bem forte como eu apreciava. Foi quando minha mãe revelou saber o que estava acontecendo entre mim e Do Carmo, aquela intimidade toda, deixou às claras que não era nenhuma bocó, mas que fazia gosto que a estreiteza desse certo, pois tinha gostado da minha namorada. Então fez a proposta que nunca imaginaria que Dona Alzira fizesse. Acho

que seria melhor você vir morar com a agente Do Carmo, espaço não falta e você ajeita seu quarto, não acha melhor meu filho? Nem acreditei na propositura, mas Do Carmo ainda argumentou que não queria incomodar e depois as pessoas falam, não é mesmo Dona Alzira? Minha mãe disse ainda que ninguém tinha nada com nossas vidas, pois éramos nós quem pagávamos nossas contas. Dois dias depois Do Carmo deitou comigo em cama novinha de jacarandá, comprada ali na Rua da Areia, bem reforçada que era para sustentar nossas estrepolias naquelas brincadeiras de fazer menino.

Casamento nos papéis, ficamos adiando e vivíamos em muita harmonia, os três. Minha mãe não dava pitacos na vida do casal e fazia tudo para nos agradar, dos temperos à arrumação da casa. Deixa que ajudo, Do Carmo se propunha, mas Dona Alzira fazia questão de dar conta de tudo. Só a vi triste naquele final de tarde quando Do Carmo chegou com uns exames que diagnosticavam sua impossibilidade de engravidar. Também entristeci, mas pensei em num mais para frente a gente adotar um menino ou dois, já que Deus quis assim...

Vivemos um ano todinho de muito chamego. Das Dores parecia cada dia mais bonita. Bonita e provocante com aquele corpo de manequim e aqueles olhos cheios de denço e veneno. Não perdia a oportunidade de me atentar, morder meu pescoço quando eu tirava a sesta na rede da varanda ou invadir o banheiro quando eu estava sob o chuveiro. Entrava ali toda vestida e molhados, fazíamos nossas travessuras. Minha mãe fazia de desentendida, fingia que não ouvia os uivos daquela loba no cio que roubava minhas energias. Quando à tarde jogava baralho com Dona Leonor é que Dona Alzira fazia algumas alegações de nossas safadezas. Tem horas que penso que minha casa virou um cabaré. Mas melhor assim, já que eles se gostam...Dona Leonor ria, de espanto e acho também que de inveja, já que Seu Navarro, ma-

► rido dela, parecia não dar mais no coro, pelo menos parecia.

Quando faço esse relato já dá para imaginar que alguma coisa não ia dar certo. E não deu. Era muita felicidade para um homem só. Bem, quando fomos morar juntos, comunicamos ao Seu Damaceno nosso compromisso. Ele disse que já desconfiava do flerte, nos abençoou, mas determinou que iríamos trabalhar em salas diferentes. Marido e mulher, namorado e namorada, noivo e noiva, trabalhando juntos, um ao lado do outro, não dá certo. Todo mundo sabe que não dá, disse ele. Das Dores foi para um escritório anexo e ficou encarregada de prospectar novos clientes. A firma queria fazer contabilidade de empresas grandes, dar um salto à frente, nem que precisasse contratar mais gente e foi quando fiquei também encarregado dos recursos humanos. Tanto eu, como minha mulher, ganhamos elogios nos meses que se seguiram. Só elogios porque Seu Damaceno era o maior unha-de-vaca que já se viu; então, ficamos ouvindo louvores do patrão, mas acréscimo ao valor escrito no contracheque, nada.

Foi por esses tempos que senti Do Carmo mais fria comigo, diria indiferente até. Quando eu a chamava para o chamego: vem pra cá “Zóio-de-gato”, ela vinha meio ressabiada, parecia até sem vontade de fazer nossas traquinices. De uma feita, a gente lá, e já nos finalmente quando ela me veio com a história que já estava na hora de trocarmos de carro. Por que trocar? Eu tinha muita estima naquele fusquinha. Acabei dizendo que sim, mas aquele pedido cortou o meu entusiasmo e não concluí o que me propusera fazer ali entre lençóis e travesseiros.

Daí em diante só frieza. Quando eu me achegava, ela vinha dizendo que estava com enxaqueca, virava de lado e depois fingia que estava dormindo. Uns dois meses assim. Até com minha mãe conversava pouco, só o necessário. Dona Alzira até me perguntou se estava havendo alguma coisa. Eu disse que não, mas lá dentro de mim eu sabia que sim. Foi quando Laerte que

trabalhava na mesma sala que ela, numa tarde lá na hora do cafezinho me chamou em um canto e disse que era para eu abrir o olho. Sabe aquele cliente novo, dono do posto de gasolina? Eu sabia. Então, vem aqui sempre, e quando vem é só conversa com Do Carmo. Agradei e não sei como não saí dali para a sala dela. Mas como dizia Seu Damaceno, a gente não pode misturar trabalho com coisas do coração, então eu me contive e esperei a hora de irmos para casa. No caminho perguntei o que estava acontecendo e que história era aquela de ficar papeando com um cliente além do necessário? Foi quando Do Carmo me olhou de um jeito que eu nunca tinha visto. Nada daquela ternura, nem um pouquinho daquele doce veneno que ela tinha no olhar, agora era indiferença naquele verde que saiu do tom de esmeralda para o de musgo. Antes mesmo de que

ela dissesse alguma coisa, senti que aquela história de amor que eu julgara para sempre, estava ali revelando sua brevidade, estava extinta. Então ela me disse: essa não é a vida que eu quero para mim. Não me leve a mal, mas não nasci para andar de fusca, Vou passar a vida morando em casinha de bairro? Trabalhando como uma burra de carga? Não posso reclamar de você, tudo foi bom enquanto durou. Você é um bom homem, mas não pode me dar a vida que eu quero. Amanhã vou embora. Por favor, sem conversa quando chegarmos, não quero magoar Dona Alzira. Calei-me e só Deus sabe o que passou pela minha cabeça, mas resolvi não estragar a vida que ainda me restava. A minha e de minha mãe. Foi a última conversa que tivemos. Deixei Do Carmo em casa e fui lá na Casa da Pólvora, ver o por do sol no rio Sannhauá. Aquele sol se escondendo ►



► como uma bola de fogo, era como que se com ele fosse junto o sentido de minha vida. Amanhã ele iria surgir vigoroso lá na Ponta do Seixas mas não sei se traria com ele a minha vontade de viver. Então chorei todas as lágrimas que podia chorar.

Do Carmo foi embora naquela noite. Só esperou minha mãe dormir e deu no pé com duas malas só. Senti que naquela bagagem não cabia nem um pouquinho da nossa história. Para ela o que vivemos ficava para trás. Senti que eu era uma página virada na vida dela, nada mais.

No outro dia, Seu Damaceno, me chamou para um particular. Disse que entendia a situação e que eu merecia um tempinho de descanso. Vai viajar com Dona Alzira, disse ele. Entregou-me um envelope dizendo que aquilo era um presente e não ia ser descontado no salário. Disse mais ainda, que o pessoal da firma estava solidário comigo e aquela desmiolada que não ousasse



por o pé ali. Deu-me uma abraço e me mandou aproveitar aqueles dez dias de recesso.

Esta minha história com Do Carmo. Foi muita dor, mas passou. Não quis mais saber dela. Nenhuma notícia, nadinha. Apaguei aquela mandiguenta de minha vida. Coisa de um ano depois, conheci Celeste. Discreta na beleza e em todo seu jeito de ser. Não posso dizer que foi amor, mas algo muito parecido, sem aqueles arroubos, mas com muita ternura e respeito. Minha mãe gostou de Celeste e fez gosto que casássemos. Logo depois que nasceu Ricardinho, minha mãe nos deixou. Foi em paz quando seu coração fraquejou, tão feliz que estava de ver a família crescendo. Depois vieram Alicinha e por fim Camilinho. Ricardinho está terminando Engenharia, solteiríssimo. Alicinha de namoro firme começando Direito. Já Camilo, o caçula, sempre de recuperação no colégio ainda não sabe o quer da vida, mas é um menino bom, o xodó de Celeste. É um danado esse menino, vive trancado no banheiro fazendo uso de uma literatura muito suspeita que ele faz questão de esconder.

Ainda moro na mesma casa. Quando me casei com Celeste, peguei o Fundo de Garantia e fiz aquela reforma, até piscina coloquei. Ficou uma lindeza, parece até casa de condomínio. Éramos os cinco naquela luta para deixar nossa residência um primor. Celeste (o tempo se esquecerá dela) continuava com aquela beleza recatada, sóbria, mas reclamava querendo por alguém casa para ajudar no serviço, alegando que agora que eu me aposentara era hora de pisarmos no freio e aproveitarmos um pouco da vida. Mesmo já recebendo meus benefícios das previdências do governo e de uma aposentadoria privada que não descuidei de pagar, eu continuava dando expediente lá firma. Seu Damaceno estava

bem velhinho e gostava de me ver por lá. Gosto desse sujeito como fosse meu filho, ele dizia me apontando para os outros..

Para me locomover contava com Ricardinho que era bom de volante e eu já não tinha essas vontades de pilotar nossa camionete. Tarde de quarta-feira passada, ele foi me buscar na empresa. Quando entrei no carro ele disse que Celeste havia contratado uma empregada que se dispunha dormir no serviço, ou melhor, no local de trabalho. A senhora, já se acomodara na edícula nos fundos do quintal e segundo meu filho era uma senhora simpática e parecia muito disposta; ainda completou que assim todos nós poderíamos trabalhar um pouco menos. Concordei e já que assim Celeste queria, assim ia ser.

Quando chegamos, Celeste pediu para eu ir com ela falar com Dona Maria e acertar os proventos de nossa secretária. Fomos eu e Celeste. Ao chegar à edícula aquele susto, aqueles mesmos olhos verdes que me causara tanto padecimento. Celeste foi perguntado como era mesmo o nome dela. Maria do Carmo, ela respondeu. Pois bem, Dona Maria, vai acertando o salário com meu marido enquanto chamo as crianças (ainda chamava nossos filhos, de crianças) para a senhora conhecer, Assim que saiu, Do Carmo me pediu para que não a dispensasse e ainda argumentou que não tinha mais ninguém a quem recorrer. O que fiz não tem perdão, mas deixa eu ficar, vou respeitar você, quer dizer, o senhor, implorou. Aqueles olhos já não mais me seduziam. Foi quando esclareci que ela não merecia, mas ponderei que toda criatura de Deus tem direito a um teto para se abrigar e um pão para comer, até você Do Carmo; aliás, Dona Maria. Pode ficar, foi o que eu disse encerrando aquela entrevista. Ao me retirar, senti o que poderia se chamar de alívio, eu finalmente virara aquela página. ✖

Luiz Augusto Paiva é bacharel em matemática, professor, escritor. Tem livros publicados de contos e de crônicas. Publica toda quarta-feira na coluna "Crônica em destaque" do Jornal A União. Atualmente é presidente da União Brasileira de escritores - UBE - PB. Colabora com consultoria para autores de livros didáticos de matemática da Editora Ática e Editora do Brasil. Natural de Campos do Jordão, reside em João Pessoa.

Um dicionário amoroso



Dicionário é obra de referência e existe nas mais variadas espécies. A referencialidade e a metalinguagem constituem as funções básicas do acervo vocabular e expressivo que normalmente comporta. Linguísticos, científicos, estéticos, literários, filosóficos, doutrinários, jurídicos, teológicos, enfim, servindo a qualquer tipologia, o dicionário está aí como a linguagem e a vida. Sempre a fertilizar os imponderáveis campos do conhecimento, na medida em que, e dentro da lógica específica dos verbetes sistematizados, elabora-se a construção dos conceitos e exemplifica-se a riqueza estilística dos diversos idiomas, ou se sinaliza, ainda, para conteúdos imprevisíveis no corpo da realidade cultural.

Provavelmente, nessa última categoria, caiba o *Dicionário Amoroso da América-Latina*, de Mario Vargas Llosa, edição brasileira da Ediouro, de 2006, com capa e projeto gráfico de Victor Burton, tradução de Wladir Dupont e Hortensia Lencastre.

Por que?

Ora, porque se trata de um dicionário em tudo idiosincrático, permeado pelas marcas subjetivas do autor, no caso o escritor peruano, senhor de uma escrita romanesca das mais exuberantes entre seus pares, na narrativa latino-americana dos anos 60 do século 20. E óbvio: enquanto escritor, mesmo em se tratando de obra didática e informativa, atinente, portanto, à pertinência dos conteúdos, salta aos olhos a presença viva do estilo fluente, elegante e artístico que caracteriza o seu discurso literário. Dir-se-ia, aqui, que o adjetivo “amoroso” do título, ao mesmo tempo em que marca uma tonalidade especial do olhar do dicionarista sobre as coisas do continente, suas referências particulares, modelos e experiências culturais e telúricas, toca também a epiderme e o nervo agudos da palavra, em seus torneios fonéticos, sintáticos e semânticos.

Houvesse uma distribuição classificatória, diria que o dicionário propõe três campos temáticos no âmbito de sua organização metodológica: as personas, as paisagens e os conceitos.

A escolha é totalmente arbitrária, muito embora não seja aleatória, uma vez que a América-Latina, como referência de fundo e alicerce unitário dos tópicos pessoais selecionados, ecoa, aqui e ali, no núcleo significativo de cada verbete. Por outro lado, é importante ressaltar a não convencionalismo com que se constroem determinados tópicos, curiosamente fundados em vivências memoráveis do autor, passagens de sua experiência jornalística, sobretudo em Paris onde viveu grande parte de sua vida, ou mesmo no aproveitamento pouco usual de recortes de sua própria ficção ou de seu ensaísmo crítico e teórico. Considerado este traço de composição discursiva, a obra assume perfeitamente o critério da ruptura dos gêneros literários, argutamente acentuado por Haroldo de Campos em estudo decisivo.

Nas personas, em meio a nomes como Jorge Luís Borges, Julio Cortázar, Lezama Lima, Crabera Infante, Gabriel García Márquez, ▶

◆ convivência crítica

► Pablo Neruda, Alejo Carpentier, Carlos Fuentes, Ruben Darío, Octavio Paz, Che Guevara e Fidel Castro, só para citar os verbetes mais completos, aparecem os brasileiros Jorge Amado, Guimarães Rosa, Rubem Fonseca e Euclides da Cunha. Para cada um, Vargas Llosa articula um perfil exemplar, onde os traços fortes da personalidade se associam às virtualidades literárias de suas respectivas obras, sem descurar, não obstante, e em nenhum momento, de uma saudável empatia interpretativa conjugada a uma visão crítica, responsável, ao fim, por um julgamento justo de cada obra e de cada autor.

No que concerne às paisagens, muitos verbetes nos trazem uma lição saborosa de antropologia, urbanismo, arquitetura e história da arte, a exemplo do que ocorre com “Amazônia”, “Brasil”, “Rio de Janeiro”, “Havana”, “Peru”, “Paris”, “Quito”, “Medellín”, “Chile” e “Bolívia”, entre outros.

O senso de observação, o olhar intuitivo, a imaginação e a sensibilidade, convergindo com o apuro e a beleza da linguagem, tendem a captar aspectos geográficos, plásticos e míticos que fogem ao didatismo das pretensas definições objetivas. Só para dar um exemplo: se ao verbetizar “Sertão” (p. 319-320), Vargas Llosa transcreve literalmente um trecho descritivo do romance *A guerra do fim do mundo*, quando, noutra passo, se re-

como, por exemplo, “Humor”, “Indianismo”, “Jogo”, “Literatura”, “Romance”, “Telurismo”, “Utopia”, por outro, chama a atenção do leitor para seus procedimentos de criação ficcional, numa espécie de “desnudamento do processo”, ou de autorreflexão ficcional, típicos da prosa romanesca da modernidade.

No verbete “Humor” (p. 183-185), faz uma confissão e nos diz como e por que escreveu *Pantaleão e as Visitadoras*, narrativa baseada numa história ouvida na selva peruana, inclusive afirmando que rompera com o preconceito absurdo vindo de Sartre, no sentido de que “uma literatura séria não podia ser uma literatura risonha”. De outra parte, em “Literatura” (p. 213-217), convoca aspectos essenciais da recepção,

{...} A literatura nada diz aos seres humanos felizes com sua própria sorte, àqueles que estão satisfeitos com sua existência. A literatura é o alimento de espíritos indóceis e propagadora de inconformismo, um refúgio para quem tem de mais ou de menos na vida, para não ser infeliz, para não se sentir incompleto, sem realizar suas aspirações.

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Vargas Llosa: dicionário idiossincrático, permeado pelas marcas subjetivas do autor



{...} Sobre os indígenas cai a imensa, indescritível vegetação amazônica: uma abóbada verde cheia de ruídos misteriosos, borboletas de cores inverossímeis, formigas grandes como um cigarro, troncos atrozes, trepadeiras, insetos e uma sombra eterna: o sol não é suficientemente poderoso para atravessar a selva.

porta à “Selva” (p. 313-316), conclui assim sua apreciação:

Em face dos conceitos, revela-se o ensaísta, o crítico, o intérprete, numa espécie de práxis literária e filosófica que, se remete, por um lado, para os interstícios teóricos de múltiplas categorizações cognitivas,

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem*, e *Valeu a pena*.

Quem imuniza o meu filho?

Um senhor entrou com o filho deficiente mental numa padaria. O menino engrolava a língua e apontava para tudo quanto era gôndola, como se estivesse excitado com as fotos nas embalagens – com o mel que escorria dos pacotes de biscoitos, com as vacas que se derramavam das caixas de leite. Dois adolescentes, numa mesa lanchando, começaram a rir do menino. Tentavam, cobrindo a boca com a borda da camisa, mas não conseguiam controlar os risos. Um deles ria tanto que batia com o bico do tênis no pé da mesa, quase virando-a. O outro largou os livros no chão num de seus abalos de corpo inteiro. O senhor, ouvindo o baque dos livros no piso, notou o riso dos adolescentes. E segurou firme no braço do filho, passou-lhe a mão nos cabelos e o trouxe para perto do ombro, como que o abrigando da zombaria. Os adolescentes não conseguiam se conter, e um já até se dirigia para o caixa para ver se refreava a euforia. O senhor aí deixou escapar uma lágrima, mas não quis expor o choro, nem para o filho nem para os adolescentes, que agora já iam deixando a padaria, um empurrando o outro, sempre aos risos. O senhor se cur-



vou para (e não estava precisando) alcançar uma caixa de aveia. Se curvou para ocultar o rosto molhado. Porque não pensava no agora do filho, com ele, pai, ali bem perto. Pensava no futuro do menino, depois que já estivesse morto – quem iria acolher o seu Rafael? Quem iria, acomodando-o em palavras que abrandam, repousam, fazer apagar a tinta suja do riso alheio? Quem iria imunizar a sua criança contra o mundo? ✖



Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



Os heróis de dupla face



Em agosto do ano passado, meses depois de um massacre numa escola de Suzano, em São Paulo, um professor de Educação Física conseguiu evitar uma tragédia da mesma natureza na escola em que trabalhava em Charqueadas, no Rio Grande do Sul, rendendo um adolescente que entrara no prédio portando uma machadinha e atacando os estudantes. No noticiário matinal, o professor era parabenizado pelos repórteres que pediam que ele descrevesse para as câmeras o seu “ato de heroísmo” perante o agressor, um ▶

◆ ao rés da página

► ex-aluno da escola com um perfil psicológico que a mídia se apresou em associar a algum transtorno de ordem psiquiátrica.

Nem todo mundo fez a relação entre as duas notícias, mas fazia menos de vinte e quatro horas que, longe dali, na ponte Rio-Niterói, o sequestrador de um ônibus era abatido por um *sniper* e o governador Wilson Witzel (PSC-RJ) descia de um helicóptero no local da ação, comemorando o feito como um gol do Flamengo na final de um campeonato, em pleno Maracanã. “Comemorei a vida”, disse Witzel posteriormente, numa coletiva de imprensa.

Para além da violência espetacularizada, permeando duas narrativas de heroísmo numa época em que, não raro, escolas, helicópteros e *snipers* passam a dividir as mesmas manchetes, ambos os episódios se ligam por um raciocínio enviesado, cada vez mais frequentes não apenas no palco da mídia, mas nos bastidores de nossa vida privada: o de que a virtude está não no bem, mas no menor dos males. É inegável que, nos dois casos, reações violentas foram necessárias para evitar um desfecho mais desastroso (como o que ocorreu no já citado massacre de Suzano ou no famigerado sequestro do ônibus 174, no ano 2000). O que é questionável é: devem tais reações ser associadas a atos heroicos e, como tal, comemoradas?

Trata-se de uma questão moral recorrente e que, numa outra proporção, o mundo está prestes a enfrentar diante da crescente tensão entre EUA e Irã. Pode-se, com o pretexto de salvar um país, destruir-se um país? O dilema está presente em quase todas as guerras, e geralmente é resolvido com uma resposta que não elabora este impasse a contento – e o que é pior: vale-se justamente dele para justificar a resolução de outros impasses que não existiriam caso aquele primeiro dilema fosse resolvido de outra forma.

A respeito deste problema filosófico, é muito ilustrativa a anedota que conta a história de um



homem cuja família estava passando fome e que foi buscar ajuda junto ao prefeito da cidade. A solução encontrada pelo prefeito foi simples: presenteou o homem com uma cabra. O homem voltou para casa muito satisfeito, ciente

de que seus problemas tinham sido resolvidos, mas em pouco tempo aquilo que era solução tornou-se um novo problema, porque a cabra agora era uma outra boca que a família teria que alimentar. O homem volta então à prefeitura e pede nova ajuda do prefeito. O que o prefeito faz? Aceita ficar novamente com a cabra. O homem volta para casa de novo satisfeito, ciente de que o prefeito resolvera o seu problema mais uma vez.

Atribuir heroísmo ao professor que salva a escola de um massacre – parabenizando-o, antes mesmo de ponderar ou lamentar o ocorrido – é um impulso humano ao qual a mídia, com notória falta de senso e responsabilidade, vem se entregando de forma no mínimo inconsequente, coroando eventos cada vez menos atípicos com uma narrativa quase mítica, em que um homem comum converte-se em salvador, nos livrando do mal. Este verniz bíblico do cotidiano de nosso país – por princípio já violento, e cada vez mais brutal – não apenas está nos impedindo de entender o mal, mas nos impelindo a criá-lo, no pretexto de combatê-lo.

Quem tem a lógica mais doente: um jovem que entra numa escola armado, prestes a cometer um massacre julgando se vingar de seus abusadores, ou um governante que se regozija de uma execução pública, julgando “celebrar a vida” a bordo do mesmo helicóptero de onde dispara rajadas de metralhadora contra escolas e tendas de oração?

Onde está a virtude de uma nação cujos heróis não usam capas, deixando que quem as vista agora sejam os seus vilões? O Brasil é uma Gotham City repleta de Coringas, inclusive com alguns vestidos de Batman. ❖

Tiago Germano é escritor, autor do romance “*A Mulher Faminta*” (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas “*Demônios Domésticos*” (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.

Anotações acerca do intangível

*“Esta penumbra é lenta e não doi;
Flui por um manso declive
E se parece à eternidade”*

Jorge Luis Borges

I
Tinha uma ideia fixa
De que era um sonho muito breve
Num sono desmembrado no tempo.

Ideia branda e de leite
Detalhada a fina erosão
Boca de diamantado cinzel.

Escultura de Giorgi
De mármore branco e fineza
Ouro alvo, puro ouro
Crestada hora
Recepção e alubrimento
Nas abas de nuvens
Que balem em grandes rebanhos voando.

II
Pensamentos que se escoram em coxas muletas
Pregos trespassados nos membros
Segurando palavras
Armadilhas nos sons e silêncios
Decepando as asas e o voar.

No brilho dos olhos, às lágrimas
Bolhas de água, capsulas
Toscas cavernas com imagens
Tristes gotas de sal.
Rios estreitos, filamentos
Suicidas presos ao fel
A amargura no palato de cinza
E a poeira fina dos rostos.

Rios deitados em cursos aventuram-se
Nas somas caudalosas, os suores
Rumores de infindos oceanos.

Por dentro dos olhos
Quais os viandantes na penumbra?
Os labirintos de Borges?
Quase cegos, se descubrem iluminados.

São quantos cegos tateando as paisagens?
As finas alças de fogo
As sedentas línguas
Queimando as mãos.

III

E as árvores?
As suas notas esparsas, as pausas
Os trinados como ecos
As cortiças aladas do vinho, seus estômatos abreviados
O mobiliário sem memória, os vernizes
As baratas nas gavetas
A escrivaninha de Poe
Um corvo, uma gralha, um escaravelho
Uma nota sustentada abrindo o mundo.

As árvores vivas, quase nuas
Suas anáguas transparentes
Seus sexos de pólen
Estão voando.
Os baobás, irmãos do infinito!

Os silvos das folhas,
Roçando estômatos e fímbrias
Inscrevem-se no sexo
E sobre pedras inertes
Com os seus silêncios contidos
Velhos anjos invioláveis.

IV

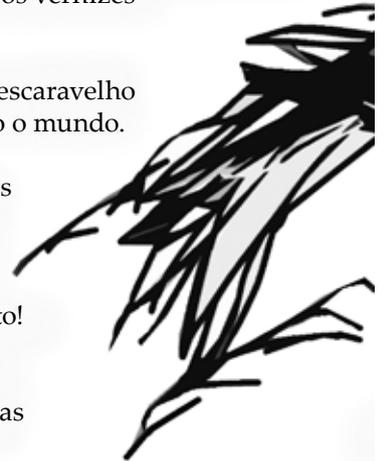
Da terra, a mãe
O húmus profícuo
A força doida das sementes
Grávidas que se contorcem
E abrem os olhos no terral
Sob troncos podres e cogumelos.

V

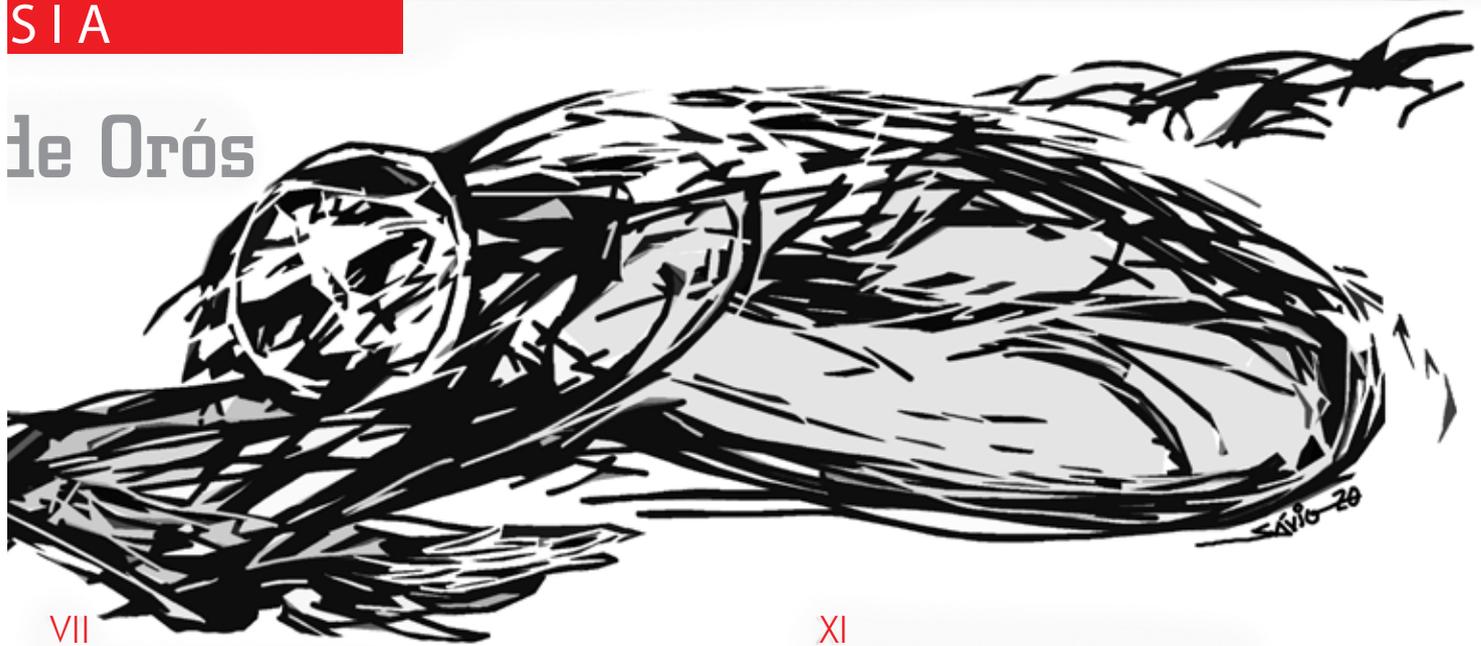
Nos sinuosos rios
Choro a diversão dos peixes
O cardume das areias sob as sombras
As espadas laranjas da luz, os seixos
O fundo das horas
Os grânulos do mistério.

VI

Nas pálpebras,
O involuntário movimento
A ode eterna do que jamais se repete
O pêndulo que vai, o pêndulo que vem
É pêndulo de escuro, é pêndulo de luz
É olho que abre, é olho que fecha
Bigorna com limalha viva
Sob o martelo feroz de Vulcano
Oficina de forja de sopro frio
Fina lingueta de fogo
Enfileiradas esculturas de fumaça
Parindo os sonhos do mundo.



de Orós



VII

Sonhar é ter as asas nos pés
E nos calcanhares, o mais impulsivo coração.

Sangue, sangue
No pulsar imenso do tempo
O desespero da vida, de fina cera e utopia
Sob causticante sol e no denso mel
Cravadas plumas,
Penas suicidas de Ícaro
Os seus olhos perdidos
O despencar dos sujeitos
O espatifar das carnes e dos ossos.

O desejo pleno, é desejo de imagem frágil de vidro
Efêmero, volátil
No descanso frio externo do peito
E no vento bravio, lambendo os mamilos
Eriçando homens que sonham sonhos.

VIII

Vestindo trovão medonho
As nuvens
Gargalham nos céus
E são mares invertidos
Com as chuvas.

X
Os relâmpagos com seus martelos de fogo
Lapidam nos céus informes
Os dentes de fâisca
Que se mostram
Oh! Velhos dragões desenhados.

XI

Magma doida e doída de vulcão
Esporas finas do tempo,
Te peço,
Para os meus sonhos de trapo e de prata
Espalhem sobre meu sono
Cantos de terna hibernação
Com antigos percalços, com rastros que falham e
falam
E sob espada de afiado e brilhante gume
Rasguem comigo os céus
De Hermes (o fértil, guia das almas dos mortos)
Céus que se perdem para cima
Céus que se perdem para baixo
E sob címbalos e oboés
Lancem seus gracejos misteriosos
E levem-me ao mergulho
Salto sem fim no vazio de imberbe azul, liso
Tocando franjas de nuvens gigantes
Algodões alvos ou de cinza com seus efêmeros
monstros, os seus nadas
Imensos rebanhos tangidos pelos ventos.

X

No vazio
Catem pra mim nos primeiros ninhos
Nas barbas alvas de Bachelard
Os ovos alados das poéticas e dos sonhos.

Josafá de orós
15/05/2017 / 21/05/2017



Josafá de Orós nasceu em Orós (CE), em 1965, e reside em Campina Grande (PB), onde desenvolve ações nos campos da cultura e das artes. É sociólogo formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Artista plástico, participou de mostras coletivas e individuais no Brasil e em outros países, entre eles, Cuba, França, Portugal e Espanha. Poeta, foi laureado com o Primeiro Lugar da Flibo 2010, classificado no Festival Tataguassu de poesia. Tem publicado em diversas coletâneas em nível nacional. Sua mais recente participação foi na antologia Homenagem ao Centenário de Nascimento do Escritor Jorge Amado, lançado na Bienal Internacional de Livros de São Paulo - 2012. Obteve O título de Embaixador da Palavra do Museo de La Palabra de Madrid, em 2017.



Palavras desenganadas

Lizziane Negromonte Azevedo

Especial para o *Correio das Artes*

Na seção H do dicionário começou uma confusão medonha, sem mais nem menos, tirando o sossego das palavras em repouso, que se juntaram em assembleia, convocadas pelos gritos desesperados da Hipotenusa.

– Eu vou morreeeer....! Ai meu Senhor das Palavras Desenganadas, valei-me, eu ainda tenho tanta coisa pela frente!

– Que tumulto é essa aqui Hipotenusa? Que conversa é essa? Tá ficando doida?

– Obséquio, Obésquio, você não vê, meu velho ami- ▶

go. Estamos desaparecendo! E só você não se deu conta disso. O Trema já foi banido, ninguém mais o viu. Até do dicionário já foi expulso. Um pária sem morada. Apagado. Extinto. Sem falar nas palavras caducas do dicionário, comedoras de poeira. Eu não quero ser esquecida, não quero cair na desgraça do desuso! Não mesmo! Ah... sem falar que, não fosse pouco o desastre, ainda passaram a usar uns estrangeirismos, uns Sales pra lá, uns Kids pra cá. É um salve-se quem puder!

– Calma, Hipotenusa! Que o Criador dos Substantivos tenha misericórdia do Trema. Era um cara legal, gente boa. Mas não é assim também não, mulher. Um caso como o dele é um em um milhão. E, que eu saiba, ninguém deixou de estudar o Teorema de Pitágoras. Ou seja, você não vai ser esquecida nem tão cedo. Vai estar na boca de muito juvenzinho por muuuuito tempo. Agora eu, eu sim, teria do que me lamentar. Presso no dicionário. Um “caduco” comedor de poeira, como você mesmo disse. Saio da boca de um ou outro, na maioria uns velhotes, no susto. Eles tropeçam em mim sem querer. Me cospem na cara dos outros, de repente. Quem os ouve até se assusta, às vezes confundem-me com um palavrão. Logo eu, um lorde, confundido com uma classe tão, tão, tão suja! Veja só, nunca pensei passar por isso. Uma palavra tão elegante, “Obséquio”, ser esquecida assim, trocada por um simplório “Por favor” mal-ajambrado, sem nenhum glamour. Mas eu tenho esperança! Tem gente por aí que faz faxina nas palavras, sabia, Hipotenusa? Tiram a poeira, lustram, nos deixam brilhando como na primeira vez que saímos da boca de alguém.

– E quem é essa gente, meu amigo? Me diga logo, quero me apresentar, mostrar minhas habilidades antes que eu suma. Me desculpe, mas não quero

ser a consequência de um susto, de um tombo da língua. Quero continuar maravilhosamente na ativa.

– Essa Hipotenusa só quer ser melhor do que os outros. Te enxerga! Esse tipo de gente que o Obséquio falou é gente rara, não se acha em toda esquina não.

– Quiprocó, não venha colocar lenha na fogueira não. Você não tem mais idade pra isso, aliás, não temos. Você se diz um cara resolvido, mas já se lamentou do mesmo jeito que eu sei.

Com a cara fechada, roxo de raiva e sem dizer uma palavra, Quiprocó afastou-se, resmungando que “aquilo não tinha cabimento, um homem da idade dele levando repreensão em público”.

– É verdade, Obséquio, que essas pessoas que resgatam palavras são raras? Perguntou Hipotenusa, prendendo o choro nos lábios apertados.

– Sim, é verdade, Hipotenusa. Mas eles existem. Você precisa crer nisso. Com eles nunca caímos no esquecimento. Sabe o Janota? Foi desenterrado um dia desses, depois de décadas de esquecimento, e virou estrela de um conto famosíssimo, premiado e tudo. É por isso que eu digo, Hipotenusa, no dicionário estamos bem guardados. Nele podemos ser resgatados!

– E como é o nome dessa gente, então, Obséquio?

– Escritores.

Em silêncio, cada palavra voltou ao seu lugar no dicionário. Ansiosas pelo seu resgate. ❖



Lizziane Negromonte Azevedo Advogada, escritora e monteirense de coração
lizzianeazevedo@hotmail.com

ILUSTRAÇÃO: MIKE DEODATO



MIKE DEODATO

Beserker é um guerreiro medieval que, após sangrentas batalhas, dá de cara com um portal e, ao atravessá-lo, vem parar nos dias de hoje. Recepcionado por um morador de rua, surge, desse encontro, uma sólida amizade pautada por perdas e luto. Em linhas gerais, esse é o enredo de *Beserker Unbound*, primeira história em quadrinhos lançada pelo paraibano Mike Deodato após o fim do contrato dele com a Marvel.

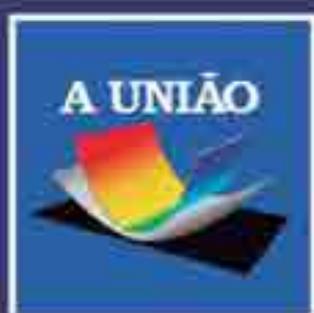
O desenho que ilustra esta página é do guerreiro e registra o traço atual do desenhista nascido em Campina Grande em 23 de maio de 1963 sob o nome de Deodato Taumaturgo Borges Filho, filho do jornalista, radialista e ilustrador Deodato Borges, criador da seminal HQ paraibana *As Aventuras do Flama*. Portanto, não foi por acaso que Deodato Filho deu seus primeiros passos no universo da arte sequencial ainda na adolescência, quando lançou seu primeiro quadrinho, *O Ninja*.

No início dos anos 1990, o ilustrador paraibano começou a desenhar para o mercado norte-americano, onde permanece inserido até hoje como um dos grandes nomes do universo dos super-heróis, fama que ganhou a partir do seu notável trabalho com a Marvel, casa que o abrigou por aproximadamente 25 anos.

Em nova fase, iniciada em meados de 2019, Mike Deodato trilha o caminho autoral, lançando títulos independentes com roteiristas igualmente renomados (*Beserker Unbound* tem roteiro do canadense Jeff Lemire) e outros com a recém-criada editora norte-americana AWA, previstos para sair a partir de 2020.

FOTO: ANDRÉ CANANÉA





126
Anos

Fazendo história desde 1893

O jornal A União está diariamente com o leitor que gosta de estar bem informado sobre as principais notícias da Paraíba, do Brasil e do Mundo. São matérias diárias sobre economia, esportes, cultura e entrevistas com a credibilidade de um jornal com 126 anos de história

Fale com A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6544
comercialauniaopb@yahoo.com.br
publicajornaluniao@gmail.com

Peça o seu orçamento (83) 3218.6525
orcamento.auniao@gmail.com

Sugestão de pauta? (83) 3218.6539
uniaogovpb@gmail.com

Diário Oficial (83) 3218.6533
wdesdiario@gmail.com

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518
circulacaoauniaopb@gmail.com

Publicidade Legal (83) 3218.6526
comercialauniaopb@yahoo.com.br



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Faça parte do Sesc!



Comerciário

- Comprovante de Residência
- Carteira de Trabalho
- RG e CPF
- PIS/PASEP
- Foto 3x4
- Cópia da GRF e GPS

Dependente

- CTPS do Comerciário
- RG
- CPF (obrigatório a partir de 12 anos)
- Foto 3x4
- Certidão de Nascimento (Até 21 anos)
- Certidão de Casamento (Cônjuge)

Conveniado

- Comprovante de Residência
- Declaração do Convênio
- RG e CPF
- Foto 3x4

Usuário

- Comprovante de Residência
- RG e CPF
- Foto 3x4

VOCÊ SABIA QUE O **SESC** É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL **DO MUNDO?**

informações: www.sescpb.com.br | (83) 3208.3162